

Press Interviews and Reviews about Olavo de Carvalho

Criticism and courage

by Edson Nery da Fonseca

In *Diário de Pernambuco* newspaper, writer and journalist Edson Nery da Fonseca praises Olavo de Carvalho for having reestablished the tradition of courageous cultural criticism.

Diário de Pernambuco (Recife), May 17, 1997

Crítica e Coragem

Edson Nery da Fonseca

Com *O Imbecil Coletivo* – obra que, publicada no ano passado, provocou um escândalo na cena **incultural** brasileira – Olavo de Carvalho restabelece uma tradição que estava declinando assustadoramente: a tradição da crítica severa e corajosa, que desmitifica falsos valores, higienizando a vida intelectual. Sem essa coragem de dizer a verdade, doa a quem doer, a cultura corre o risco de aquietar-se em tertúlias acadêmicas e em confrarias de elogios míticos.

Essa troca de elogios, esse bovarismo provinciano, essa **comédia literária** – como a chamou o velho Osório Borba – torna intelectualmente irrespirável a vida intelectual de um País como o Brasil de hoje – onde os noticiaristas ditos literários e os suplementos ditos culturais – com raras exceções, o Suplemento do

Diário Oficial que Mário Hélio dirige em Pernambuco, e esta página de Literatura sempre independente – estão a serviço de poderosas editoras; e em cidades como o Recife, onde qualquer poentinha ou candidato a escritor se presta ao ridículo de ter suas obrinhas analisadas em fundos e quintais de livrarias, como somente se costuma fazer, em países civilizados, com os Dante e os Shakespeare, os Goethe e os Bal-

zac, os Joyce e os Proust.

Louvo o sociólogo e crítico literário Sebastião Vila Nova por trazer ao Seminário de Tropicologia um conferencista do valor e da coragem de Olavo de Carvalho, crítico de idéias consagrado por várias obras, duas delas sobre Aristóteles. Assim este fórum de altos estudos interdisciplinares está evitando o que seu fundador mais temia, como escreveu no prefácio ao primeiro volume dos

Anais: que ele se tornasse “um ambiente tal de cortesia, um tal excesso de polidez ou de galanteria, que desses excessos resultassem prejuízos para a franqueza no opinar, a firmeza no criticar, a lealdade de cada um a suas convicções, à sistemática de sua ciência, às perspectivas do seu saber”.

A tradição da crítica severa e corajosa vem da antiga Grécia: vem de Aristarco de Samotracia (c. 216-

c.144 a.C.), figura que muito amo – desculpem a nota pessoal – por haver trabalhado na famosa Biblioteca de Alexandria, onde organizou as primeiras edições das obras de Homero; exegeta de tal modo completo que seu nome passou a indicar, por autonoma, “críticos ou censores severos, mas judiciosos”; e tão independente que, perseguido pelo todo poderoso Ptolomeu VIII, teve de fugir para a ilha de Chipre, onde morreu.

Tradição que madrugou, no Brasil colonial, com o baiano Gregório de Matos, renasceu, em fins do século XIX como paranaense Emílio de Meneses e, já em nossos dias, com o fluminense descendente de italianos Agrípino Grieco. Depois de Grieco, a crítica brasileira aquietou-se, para ressurgir, nos anos 40, com Álvaro Lins, o pernambucano que teve a coragem de colocar em seus devidos lugares figuras consagradas como Júlio Ribeiro, Afrâncio Peixoto – o autor da ridícula definição de literatura como “sorriso da sociedade” –, Menotti del Picchia, Gilberto Amado, Tasso da Silveira, Afonso Arinos de Melo Franco e outros.

Depois de Álvaro Lins a crítica literária hebdomadária – a que exige mais independência e coragem, porque, se exerce sobre autores contemporâneos – começou a morrer, apesar dos esforços isolados da também corajoso e independente Wilson Martins; e foi substituída ora pela chamada crítica universitária – tão mofina em sua subserviência ao estruturalismo de Barthes e à carnavaлизação de Bakhtin – ora – o que é pior – pelo noticiarismo dos “panfletários a favor”, como os chamava Osório Borba. Há exceções.

É com o maior entusiasmo que devemos saudar a obra crítica de Olavo de Carvalho. Ela chega como uma lufada saudável que vem do mar e penetra em sala fechada e bolorenta; como um antibiótico em organismo infectado por microrganismos; como um suco de pitanga ou um sorvete de graviola em dias de calor; como a “chuva de caju” do poema de Joaquim Cardozo: “Entra, invade a casa, molha o chão,/Molha a mesa e os livros”.

Edson Nery da Fonseca é escritor e jornalista



Olavo de Carvalho

Olavo de Carvalho: thinker of a new time

by Zora Seljan

According to the literary journal *Jornal de Letras*, Olavo de Carvalho is a Brazilian writer who truly deserves to be called a “thinker”: his works have renewed the prestige of true philosophical thought in Brazil; his writings on Aristotle aim at a restoration of the Aristotelian philosophy of culture, and his interview, they say, is a declaration of principles.

In this interview, Olavo de Carvalho argues that a philosopher is a person who believes in the human capacity to understand reality and dedicates his life to such endeavor.

Jornal de Letras (Rio de Janeiro), July 2000

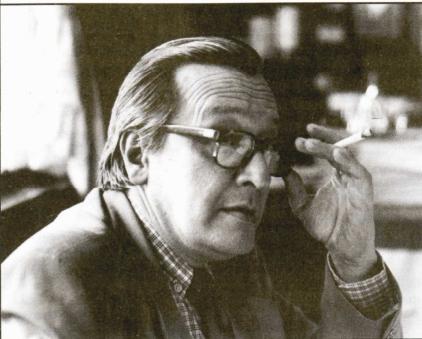


Entrevista

por Zora Seljan

Olavo de Carvalho

Acervo JL



Olavo de Carvalho

ZS: O que é ser filósofo?

OC: É acreditar plamente na capacidade humana de compreender a realidade — e apostar a vida nessa crença. A apoteose da razão começa com um ato de fé. Hegel já dizia isso: sem a fé no poder do espírito, nada de investigação filosófica. A filosofia, como o reino dos céus, não foi feita para os timidos e recalcitrantes. Mas a essa primeira aposta segue-se um compromisso, que é o de nada ignorar da realidade propositadamente. O filósofo tem de abrir-se à variedade dos fatos que se apresentam, sem se refugiar em explicações prematuras. Em vez de inventar explicações, tem de esperar que a realidade as sugira e as comprove, mesmo que, nessa espera, ele arrisque ficar quase louco na confusão dos dados. Por isso não gosto de chamar os filósofos de "pensadores". Pensar é fácil. O difícil é pensar as coisas como são — e para isto é preciso contrariar muitas vezes o nosso pensamento, obriga-lo a ir para onde não quer. Por isso, também, não vejo diferença substancial entre filosofia e ciência. As ciências são apenas estabilizações provisórias de certas investigações filosóficas, para as quais se encontrou um método consensual que pode ser praticado uniformemente por toda uma comunidade, mas que, de tempos em tempos, são dissolvidas de novo no mar do questionamento filosófico profundo.

ZS: Como vê a situação atual dos estudos filosóficos no Brasil?

OC: Desastrosa, embora menos do que seria de esperar. Revistas como a *Presença Filosófica*, a *Revista Brasileira de Filosofia* e a *Síntese de Belo Horizonte* (que não sei se ainda circula) salvam a nossa honra. Mas, no geral, o que se vê é empulhação ideológica mais rasteira dominando o cenário. Só

para dar um exemplo: a capacidade quase instintiva para distinguir entre um conceito e uma figura de linguagem é a marca do talento para os estudos filosóficos, a condição inicial para o ingresso na filosofia. Nossos filósofos acadêmicos mais badalados, depois de décadas de estudo, ainda não adquiriram essa habilidade elementar. Só se ocupam de espalhar entre os alunos a confusão e a obscuridade de suas almas toscas, e compensam sua miséria interior mediante a participação exibicionista em campanhas políticas. O pior é a moda da filosofia para crianças, um cabide de empregos, um instrumento de manipulação ideológica e um abuso da inocência infantil: a filosofia não é coisa para crianças, como supõe o nosso execrável Ministério da Educação. Alquimicamente falando, a filosofia é o enxofre que cristaliza o mercurio, a mente volátil, para produzir o sal — a alma perfeita. A cristalização prematura é um desastre alquímico, o congelamento da alma. Os professores de filosofia estão ajudando nossas crianças a sufocar suas percepções autênticas sob um discurso pseudo-intelectual de um artificialismo desesperador.

ZS: Como unir senso de humor, eloquência de argumentação e lucidez filosófica?

OC: Essas coisas vêm sempre juntas ou então não vêm. O fundador da tradição filosófica, Sócrates, era uma síntese das três. Platão não ficava atrás. E até os escritos que nos restaram de Aristóteles, meros rascunhos técnicos para exposição em classe, deixam transparecer o fino senso de humor que certamente animava suas conversações com os alunos.

Pensador de um novo tempo.

Se há um escritor brasileiro que pode ser apropriadamente classificado como "pensador", é Olavo de Carvalho, cuja obra restaurou o prestígio do puro pensar filosófico em nossa terra. Seus estudos sobre Aristóteles se fixam na restauração de uma filosofia aristotélica da cultura. Olavo de Carvalho realça a estrutura lógica do pensamento de Aristóteles, depois da dialética de Sócrates e Platão, em seguida à posição dos sofistas que, por sua vez, sucederam ao discurso mitopótico das epopeias e da lírica.

Sua entrevista é toda uma declaração de princípios.

ZS: Sua reinterpretação de Aristóteles pode levar-nos a uma visão unificada de toda a filosofia grega?

OC: Sinceramente, espero que sim. Aristóteles estava muito consciente da sua posição no quadro evolutivo da filosofia que o antecedeu, e todo o seu pensamento é não apenas uma reflexão sobre essa evolução, mas quase a materialização dela sob a forma de ordem e sistema — como quando você ouve uma melodia e de repente percebe essa sequência temporal sob a forma de um desenho, de um gráfico: o tempo que vira espaço. Primeiro os gregos conheceram o discurso mitopótico das epopeias e da lírica, depois o discurso retórico dos sofistas, depois a dialética de Sócrates e Platão e por fim a estrutura lógica revelada por Aristóteles. Essa sucessão histórica é idêntica à própria estrutura interna do sistema de Aristóteles, tal como acredito havé-la desvelado na "teoria dos quatro discursos". Esse fenômeno de um sistema no qual se refaz e se perfaz conscientemente a evolução histórica é um grande milagre do espírito. Alguns místicos islâmicos consideram Aristóteles um profeta, e acho que têm razão.

ZS: Como foi sua experiência recente na Romênia, suas conferências lá, seu contato com escritores e universidades da terra?

OC: A Romênia é hoje a minha segunda pátria. Tenho tantos amigos lá quanto no Brasil, e nenhum inimigo exceto o frio. Também tenho ótimos amigos entre os romenos que vivem aqui, como Gheorghe Legmann, valente batalhador em prol das relações Brasil-Romênia. Os romenos são um povo cultíssimo, com a alma aprimorada pelo sofrimento. O número de sábios per capita lá é impressionante. É também

um país lindíssimo, a maior reserva natural da Europa, com florestas cheias de ursos e lobos que nunca ouviram falar de crise ecológica nem do Irama. Mas os países vizinhos não deram à Romênia a menor chance. Invadiram e roubaram a infeliz o quanto puderam, e lhe impuseram a camisa-de-força dos regimes totalitários, primeiro o nazismo, depois quarenta anos de comunismo. Hoje os romenos, espoliados pela Nova Ordem Mundial, são um povo cansado, esgotado, descrente, com dificuldade para enxergar suas próprias qualidades mais óbvias. No entanto, no meio da mais negra miséria, não perdem o gosto de estudar. São um exemplo para os brasileiros, que só admitem o estudo como meio de arranjar emprego ou de adornar conversações de salão. Os romenos adoram o Brasil (deram até o nome de Copacabana a uma praia no Mar Negro, e o hino da seleção romena de futebol é um samba), e a nossa presença lá faz bem a eles. Talvez ninguém tenha feito mais para melhorar a auto-imagem dos romenos do que o embaixador brasileiro, Jerônimo Moscardo, hoje um imbatível pop star em Bucareste. Acho que todo brasileiro deveria passar um tempo lá para ver o que é dignidade na miséria e para deixar de chorar de barriga cheia. Bucareste é a capital mais pobre da Europa — e a mais pacífica. Simplesmente não há assaltos à mão armada. Quando volto a este nosso país onde um frango assado custa dois dólares, fico perplexo ante a classe média tão gordinha e tão revoltada, que só reclama da vida e que justifica a violência em nome da "miséria": queria que essa gente fosse ver os milhares de meninos de rua que em Bucareste têm de se esconder no esgoto durante o inverno, e que vêm nos pedir esmola em inglês, francês ou alemão, com um ar de inocência que dia a dia vai desaparecendo dos olhos das nossas crianças, corrompidas por falsos educadores.

ZS: Como vê a obra de Emil Cioran no pensamento de nosso tempo?

OC: Cioran não pode ser lido ao pé da letra, senão você estoura os miolos, coisa que ele próprio não fez, o que mostra que estava ciente da dose de ironia dos seus escritos (ele dizia que era um farsante e que as pessoas perceberiam isso se o compreendessem). Cioran assume a palavra em nome do demônio, acusador da humanidade, e nos desafia a assumir a responsabilidade da defesa. Jogando entre verdades patentes e exageros verossímiles, ele sempre nos deixa uma brecha salvadora, e é precisamente nesses hiatos, nessas falhas propositivas da sua argumentação, que reside o mais inteligente da sua obra, na verdade mais pedagógica ou psicoterapêutica do que filosófica. Cioran pode induzir você ao desespero, à resignação estóica ou a uma retomada da fé e da esperança. Ele pode ser um veneno ou um remédio: você decide.

ZS: Dá-se bem com o computador?

OC: Maravilhosamente. Foi uma afinidade à primeira vista. Na verdade, acho que eu nunca teria publicado livros se não existisse computador: foi ele, e só ele, que me permitiu colocar em ordem escritos acumulados ao longo de vinte anos. E hoje a internet é meu principal meio de informação.

ZS: Acha o exercício do jornalismo regular

importante na sua obra?

OC: Quando a gente escreve só para um círculo de alunos, como fiz por muito tempo, tende a criar um estilo compacto, cheio de abreviaturas e subentendidos, que no fim vira um negócio hermético, ou então a multiplicar as explicações com um didatismo minucioso que se prolonga demais. Voltar ao jornalismo regular foi uma disciplina muito saudável, que me obrigou a exercícios diários para conciliar aquilo que Horácio considerava inconciliável: brevidade e clareza. De outro lado, isso me deu a oportunidade de colocar em circulação ideias que vim "chocando" na solidão ao longo de vinte anos, e que me parece que podem ser úteis para o Brasil.

ZS: Signo, preferências, família.

OC: Signo: Touro com ascendente Aquário (como Karl Marx, droga!), Lua em Leão, Marte e Mercúrio em Aries, Júpiter culminante no Escorpião. Preferências: Livro - A Bíblia e o Corão, as escrituras hindus no comentário de Shânkara, a Metafísica de Aristóteles, a Divina Comédia, Dostoevsky inteiro, Walter Scott e Pio Baroja selecionados, poesias de Camões, Antônio Machado e William Butler Yeats. Comida - Churrasco. Bebida - Café. Hobby - Fumar em lugares proibidos. Bichos - Cães e cavalos. Roupa - A mais barata. Perfume - Água e sabão. Cigarros - Dugados, espanhol, e Romeo y Julieta, cubano, da mesma fábrica dos charutos (cigarros bons são o meu único luxo). Música - Canto gregoriano; Bach; Haendel; Wagner; velhas canções italianas e irlandesas; música caipira de qualquer parte do mundo. Sonho de consumo: um "Irish wolfhound". Custa uma nota e come muito. Família: a melhor coisa do mundo. Pena que os filhos sejam apenas oito.

ZS: E o futuro? Qual é o lugar do Brasil no mundo?

OC: Acho que o Brasil passa pelo momento mais difícil e mais decisivo da sua História. Temos o sonho de ser uma nação e temos o direito de sê-lo, mas, no momento em que estamos quase para realizar esse sonho, as nações já não estão na moda e o governo mundial avança a passos de gigante. Nossa desafio é provar que somos capazes de representar os ideais superiores da humanidade melhor do que o governo mundial. Mas, para isso, precisamos de três coisas: absorver rapidamente o legado espiritual de todas as civilizações, aprender a esquivar-nos das alternativas ideológicas estereotipadas com que a estratégia mundialista nos divide, e superar um falso nacionalismo nativista, complexado e debilitante, que é hoje facilmente manipulável pelas esquerdas vendidas à Nova Ordem Mundial. Temos de criar um novo nacionalismo, capaz de competir no mercado mundial. Costumo chamar-lo de nacional-liberalismo, com a ressalva de que não é um sistema ideológico mas apenas um arranjo de ocasião, uma solução brasileira de improviso. O maior obstáculo são os intelectuais, fortemente apegados a esquemas ideológicos absurdos, a resentimentos antimilitares que são muito bem aproveitados (e bem pagos) pela estratégia mundialista para nos debilitar, e a odios

pessoais racionalmente inexplicáveis, como essa birra contra o Roberto Campos, um homem que, no campo das ações e não do bla-bla-bla, fez mais pelo Brasil do que toda a esquerda reunida. Para dobrar essa gente, só mesmo a paciência do Antônio Olinto.

OBRAS PUBLICADAS

Símbolos e mitos no filme O silêncio dos inocentes.

Rio, IAL & Stella Caymmi, 1993.

Os gêneros literários: Seus fundamentos metafísicos.

Rio, IAL & Stella Caymmi, 1993.

O caráter como forma pura da personalidade.

Rio, Astroscientia Editora, 1993.

A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci.

Rio, IAL & Stella Caymmi, 1994 (1ª ed., fevereiro; 2ª ed., revista e aumentada, agosto).

O jardim das aflições. De Epicuro à ressurreição de César - Ensaios sobre o materialismo e a religião civil.

Rio, Diadormir, 1995.

O imbecil coletivo: Atualidades in culturais brasileiras.

Rio, Faculdade da Cidade Editora e Academia Brasileira de Filosofia, 1996 (1ª ed., agosto; 2ª ed., outubro; 3ª ed., abril de 1997; 4ª, maio de 1997; 5ª, dezembro de 1997).

Aristóteles em nova perspectiva. Introdução à teoria dos quatro discursos.

(reedição aumentada de *Uma filosofia aristotélica da cultura*, Rio, IAL & Stella Caymmi, 1994)

Rio, Topbooks, 1996.

O futuro do pensamento brasileiro. Estudos sobre o nosso lugar no mundo.

Rio, Faculdade da Cidade Editora, 1997. 2ª ed., 1998.

*Como vencer um debate sem precisar ter razão. Comentários à *Dialética erística* de Arthur Schopenhauer.*

Rio, Topbooks, 1997.

A longa marcha da vaca para o brejo: O imbecil coletivo II.

Rio, Topbooks, 1998.

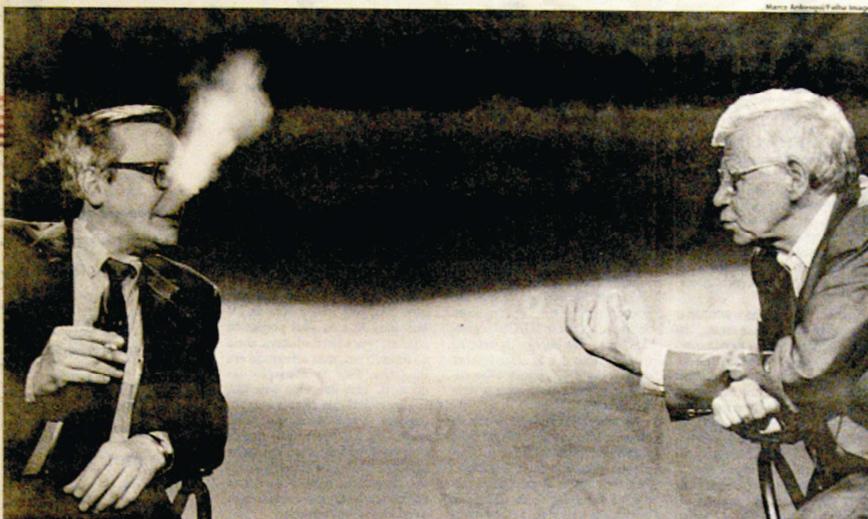
The place of moral laws in an era of relativism

by Mario Sergio Cortella

Folha de São Paulo newspaper reports the debate between Olavo de Carvalho and
the theologian Carlos Josaphat.

Folha de São Paulo (S. Paulo), October 25, 1998

DIÁLOGOS IMPERTINENTES



O jornalista Olavo de Carvalho e o frade Carlos Josaphat em debate da série "Diálogos impertinentes"

A abrangência da moral na era do relativismo

Olavo de Carvalho e Carlos Josaphat discutem os riscos do moralismo cínico

MARIO SÉRGIO CORTELLA
especial para a Folha

Em tempos de alegada pós-modernidade, não seria anacrônico falar, ainda, em moral? No momento em que o relativismo ético (a partir do qual, em nome do "respeito" às diferenças, se concretizam a glorificação das desigualdades) invade as múltiplas facetas da vida social e individual, haveria lugar para tal reflexão? Em torno dessa questão começou uma conversa de duas horas na noite de 29 de setembro, tendo como dialogadores o teólogo e frade dominicano Carlos Josaphat e o ensaísta e jornalista Olavo de Carvalho.

"A Moral", sétimo programa da série/98 dos Diálogos Impertinentes (já no seu quarto ano como promoção conjunta da Folha/Sesc/PUC-SP), aconteceu no Teatro da Universidade Católica na capital paulista, com transmissão ao vivo pela TV PUC, e teve, também, mediação de Sérgio Dávila, editor da *Ilustrada*.

Os dialogadores, ao relacionarem o tema com a política, a sexualidade, a mídia e a religião, defenderam a atualidade do problema moral e os riscos do moralismo cínico que conduz a uma ciúme intelectual perigosa. Olavo de Carvalho afirmou: "Se hoje, por um lado, predominam as conceções de que todas as morais se equivalem (sen-

do puras convenções ou criações culturais), por outro lado, as mesmas pessoas que advogam teorias

relativistas expressam uma indignação moral muito profunda. Nunca se duvidou tanto da moral na esfera intelectual e nunca as pessoas se pegaram tanto a elas do ponto de vista emocional. Quer dizer, pensam como relativistas, mas, julgam como absolutistas; isso significa que as nossas ideias não estão atendendo às necessidades reais das pessoas para fundar a sua conduta".

Carlos Josaphat lembrou, por exemplo, que "a humanidade tem atualmente uma dificuldade enorme de encontrar um equilíbrio no que toca à sexualidade; em si, ela, desde o começo do mundo, é um grande problema. Desde que o ser humano fez a separação entre a função de procriação, por uma parte, e, de outra, a sexualidade como amor, nem todos os gestos que exprimem o 'eu te amo' visam imediatamente a dizer 'eu quero um filho de ti'. Surge ai um abismo que se aprofunda quando a intenção é

todos os segmentos".

Ao ser questionado pela platéia sobre a polêmica religiosa em torno do uso de preservativos, o teólogo Josaphat não titubeou: "Algumas vozes da Igreja confundiram o preservativo contra a AIDS com o preservativo de contracepção. As duas coisas são completamente distintas e, então, mesmo que a pessoa não aceite um processo de contracepção artificial, pode perfeitamente aceitar a camisinha, porque a intenção não é limitação de filho; inclusive, pode, e deve, ser usada até mesmo entre homossexuais. Lamento que alguns apressados na Igreja Católica tenham feito essa confusão".

Quando a conversa foi para o campo da atuação ética dos intelectuais, o ensaísta Carvalho foi enfático: "Há pessoas que na esfera intelectual estão agindo da maneira mais imoral possível. Falta honestidade, na qual é preciso não dizer que sabe aquilo que você não sabe e não dizer que não sabe aquilo que você sabe perfeitamente bem; é isso que venho chamando de Imbecil Coletivo".

Não foi o caso nesse diálogo.

Mario Sérgio Cortella é professor do departamento de teologia e ciências da religião da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), autor de "A Escola e o Conhecimento" (int. Paulo Freire/Cortella) e apresentador dos "Diálogos impertinentes" desde 1995.

'Velhice' é o próximo tema

da Redação

A série "Diálogos Impertinentes", promovida pela Folha, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pelo Serviço Social do Comércio (Sesc), promove nesta terça o debate "A Velhice".

Participam o escritor e articulista da Folha José Roberto Torero e a especialista em gerontologia Suzana Rocha Medeiros.

O evento também será transmitido ao vivo pela TV PUC, por meio da operadora de cabo Net São Paulo, e pode ser captado por parabólica, pelo transponder 6A2, frequência 3930.

Os convites para assistir ao debate estarão disponíveis a partir da dia 22 de outubro, quinta-feira, na portaria da Folha (al. Barão de Limeira, 425) ou nas bilheterias do Tucu (r. Monte Alegre, 1.024) e do Sesc Pompeia.

A wrong report leads to a scandal

by Elizabeth Orsini

O Globo newspaper reports the controversy between Olavo de Carvalho and SBPC
(Brazilian Society for the Progress of Science).

O Globo (Rio de Janeiro), December 27, 1994



Matthew Broderick fala sobre sua carreira e conta como sofreu nas filmagens de 'The road to Wellville', de Alan Parker. Página 4

Segundo Caderno

■ Proibição do Juizado de Menores do Rio transfere o papel de Engracadinha aos 18 anos para a atriz Alessandra Negrini. Página 10



Terça-feira, 27 de dezembro de 1994

O GLOBO

Rio de Janeiro

Um parecer errado acaba em escândalo

ELIZABETH ORSINI

Um texto recusado por um professor acadêmico, este é o ingrediente explosivo de um escândalo que rende a respeitável Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). O texto, assinado por "Um filósofo aristotélico da cultura", que leva a assinatura do jornalista Olavo de Carvalho. O parecer não tem assinatura, como é de praxe na revista "Ciência Hoje", publicada pela entidade. E o escândalo fica por conta das razões da recusa, que fiziam o autor publicar um trabalho profissionalmente "desmiliatrade, possuído" que formariam, em sua opinião, uma "tendência a pseudointelectualidade" de consequências funestas para a ética dentro das instituições universitárias.

A fúria de Olavo passaria em branco não fosse a descrição dos erros que ele fazia.

Considerou um escândalo que um trabalho científico sobre a filosofia de Aristóteles seja entregue a um sujeito tão ignorante e que ele tenha direito a voto numa entidade com a SBPC. O parecerista não sabe do que tratam os livros da Metafísica, confunde cíclitos (funções) com (corpos) o de logos apelítico e iogos apodíctico e se atrapalha com os séculos em que os filósofos viveram. E diz, por exemplo, que São Gregório viveu no século XII enquanto o santo morreu no ano de 604. Ele não sabe sequer escrever o português porque as regras de português! Escreve "inverossimil" com "E"! digo que inverossimil é a vó!!

O autor não poupa sequer a assessora da área de Ciências Humanas da revista "Ciência Hoje", a professora Yonne Leite:

Yonne não entendeu que o meu trabalho versava sobre a ontologia de Aristóteles e devolveu o texto dizendo que tratava da "odontologia". Nem eu nem Aristóteles temos qualquer interesse odontológico em nossas es-

peculações filosóficas.

A professora Yonne se defende:

— Escrever "odontologia" no lugar de "ontologia" foi um erro da datilógrafa! Nossos pareceristas são competentes e só não revelam seu nome porque neste caso o erro é de praxe, a fim de proteger os organizadores de ataques como este.

Ela conta ainda que vários profissionais se recusaram a dar o parecer e quando a revista encontrou duas pessoas com formação em Filosofia que aceitaram a tarefa, elas se mostraram totalmente contrárias à publicação do artigo. Só então os pareceristas, o trabalho não cumprindo as exigências mínimas de um trabalho na área de filosofia.

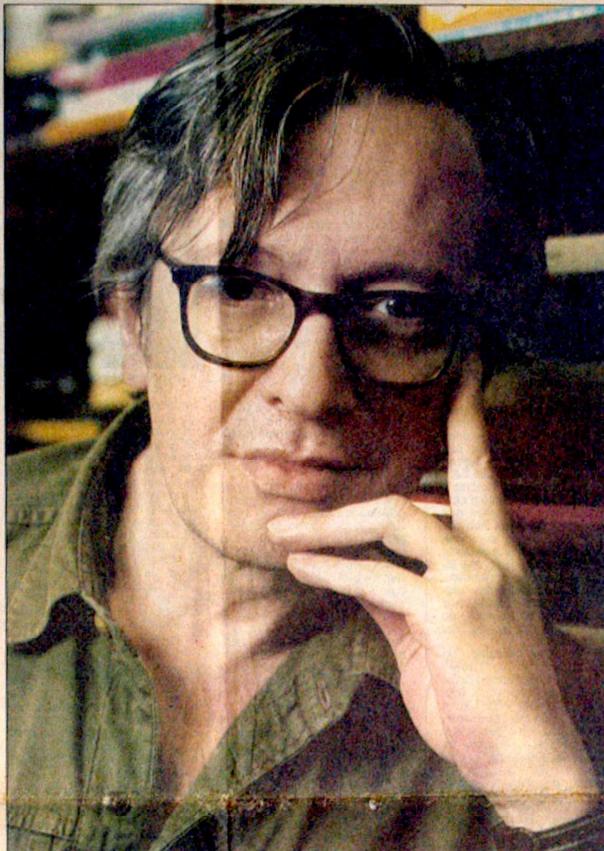
— Recebi uma carta muito desaforada do senhor Olavo dizendo que eu não tinha critério e respondi, educadamente, enviando a cópia dos pareceres. Então ele me enciou outra carta com termos como "assassino" e "violento". Só posso dizer uma coisa: pelos pareceres que li, se o senhor Olavo leu os filósofos gregos, leu muito mal. Concordo plenamente com os pareceres — afirma Yonne.

Dizendo-se irritada com os ataques ao Olavo de Carvalho, a professora Yonne Leite não se intimidava:

— Se ele continuar fazendo ataques à minha pessoa vou processá-lo.

Nas páginas do manifesto, Olavo de Carvalho examina as razões do parecerista e descobre, espantado, três erros graves de interpretação histórica, cinco erros por desentendimento entre textos aristotélicos, oito erros graves de interpretação do texto aristotélico, três paralogismos (raciocínio falso), duas inversões do significado do texto criticado, três erros de ortografia e mais dois outros.

O dito cujo é consultor da maior revista científica brasileira. É motivo para a gente por as mãos na cabeça e perguntar: mas o que é que está acontecendo neste país, meu Deus?



'O país sofre quando Callado pede censura'

O diretor da revista "Ciência Hoje", José Montserrat Filho, participa da mesma opinião:

— Nossos pareceristas são pessoas vinculadas à universidade, com notório saber e são todos eleitos pela comunidade acadêmica.

Para muitos intelectuais, o que falta explicar é a razão da tanta resistividade por parte dos pareceristas vinculados a universidades, com recursos públicos de órgãos como o CNPq e Finep. A maioria dos conselheiros de "Ciência Hoje" está há mais de dez anos no cargo.

— Não discuto o direito de a revista vetar meu texto. O que eu discuto é a competência dos pareceristas escolhidos para terem poder de voto numa revista que deveria ser amplamente democrática — afirma Olavo de Carvalho.

O autor do ensaio sobre Aristóteles sabe que está comprando uma briga e tanto. E sabe que em brigas de galo a maior perdedora dos combateiros é questionar a competência daquele que questiona. Foi assim com Antonio Callado que, num artigo publicado no "Jornal do Brasil" pediu a censura aos textos de Olavo de Carvalho:

— Callado, um escritor que eu admiro, se encrespu porque não tinha argumentos para fazer uma crítica justa. Acho que o país e a cultura brasileira sofrem quando um escritor da estatura de Callado — a quem admiro profundamente — começa a pedir censura a um outro escritor pelos jornais — diz Olavo.

O poeta Bruno Tolentino é um dos que correm a favor de Olavo (ter abraço) que conheceu, em julho, quando este — interessado em suas declarações sobre a crise neoplatônica no pensamento da Igreja desde o século II — convidou-o para dar aulas no Instituto de Artes Liberais. Atualmente em Recife dando um ciclo de palestras sobre os escritos de Olavo, o poeta Bruno Tolentino diz que a recusa da SBPC em publicar o texto é sinal de que estamos vivendo num reinado de usurpadores do saber.

— O texto é um dos estudos mais lúcidos e originais sobre a Grécia Antiga e não posso aceitar que seu autor, homem brilhante, seja ridicularizado abismalmente por um ignorante.

■ O parecerista confunde conceitos fundamentais e se atrapalha com os séculos

■ É escandaloso que um trabalho científico seja entregue a um ignorante

Olavo de Carvalho

Master Olavo

by Ipojuca Pontes

Ipojuca Pontes writes a critical review of Olavo de Carvalho's books and works.

Jornal da Tarde (S. Paulo), April 27, 2001

Ipojuca Pontes

Mestre Olavo

arte pela arte

Há nos últimos anos uma presença excepcional na vida cultural brasileira, uma presença nítida e incontornável – que nos perdoem os demais –, muito acima dos padrões vigentes na praça: a de Olavo de Carvalho, ou mais precisamente do mestre Olavo de Carvalho, pensador raro, articulista vigoroso, um verdadeiro schollar, naquela dimensão estimada por outro mestre, Gilberto Freyre, de sábio e erudito.

Não se mede um homem aos palmos (exceto, talvez, quando ele é um cestinha de basquete), mas cada palmo da presença de mestre Olavo na vida intelectual brasileira, manifesto principalmente em artigos de jornais e em livros rigorosamente originais, vale por centenas de metros perdidos na eventual leitura do embromês tupiniquim articulado em catedras ou oficialmente consagrado em academias várias.

Com efeito, a leitura de um simples raciocínio de Olavo de Carvalho, mesmo expresso em escrito circunstancial, nos leva a crer que estamos diante de uma espécie de Aristóteles redivivo, a nos introduzir num claro exercício de lógica tradicional (e, a seguir, em dialética própria), articulando sempre, na incessante busca da verdade, os processos de enunciação, dedução e indução, de extraordinário sentido didático e, não raro, agudo senso de humor.

Sente-se, por trás do escritor preciso, a permanente atuação do professor e do filósofo, sem que tenhamos, contudo, a nos oprimir ou empulhar, o saber autoritário ou



obscuro, posturas, de resto, comuns aos seres que empreendem as duas atividades.

Neste particular, o da empulhação, Olavo de Carvalho beira a santidade, pois tem-se como improvável, quando não impossível, apanhá-lo em qualquer tipo de falcatrua intelectual e na prática, habitual na atividade comunicativa, de pinçar factóides para coenistar imposturas e invencionices ideológicas.

Sua obra mais complexa (pelo menos, até aqui), o Jardim das Aflações, ensaio sobre o materialismo e a religião civil, é uma dessas aventuras espirituais improváveis de se conceber, quase impossível de construir, mas que dá significado à inteligência e à vida de quem a percorre, tornando o aventureiro ciente de que está diante de um pensamento crítico de valor permanente e universal.

Lendo-o, pressentimos que

estamos diante de um mestre.

O sereno reconhecimento de sua ascensão na vida e no pensamento brasileiro dá-se, hoje, por parte de brasileiros saturados da dialética materialista e da crença marxista em entender a história como permanente luta de classe, no fundo, vulgar instrumental ideológico usado para a tomada do poder e levado adiante por diminuta, mas atuante, “elite intelectual” que acredita cegamente na estatização dos meios de produção e na ortodoxia de partidos salvacionistas.

Para os brasileiros avessos a tais crenças, Olavo de Carvalho surge como um imenso facho de luz em meio à escuridão, a desarticular, ponto por ponto, como um Sísifo incansável, as distintas faces do ardil totalitário.

Como queria Machado – Eia, pois, sus!

Ipojuca Pontes é cineasta.

Accidental Philosopher

by Rachel Bertol

O Globo newspaper announces that Olavo de Carvalho will be a weekly columnist for the paper.

O Globo (Rio de Janeiro), May 25, 2000

Musical: As mulheres da vida do compositor Cole Porter • 4

SEGUNDO CADERNO

QUINTA-FEIRA, 25 DE MAIO DE 2000

TV: 'Uga uga' joga
fora as armas mas
permanece um
fenômeno • 12



OLAVO DE CARVALHO, filósofo autodidata, amante de controvérsias e crítico do pensamento ideológico: aos 20 anos, durante a ditadura, isolou-se para estudar e entender o que se passava à sua volta

Rachel Bertol

A no passado, Olavo de Carvalho recebeu o telefonema de um militante da esquerda avisando que havia um "exemplo para assassiná-lo". Filósofo autoritário, Olavo é considerado "o maior coletivo", que causou raios em segmentos da intelectualidade. Olavo ficou assustado. Mesmo sem saber se a informação era verdadeira, aceitou o convite de um amigo para trabalhar na Romênia. Ficou quatro meses fora e na volta não deixou a pena carimbar: continuou a escrever, diariamente, suas apostilas, tratados de filosofia, críticas ásperas à política, ao cinema, à imprensa. Agora, descerá um pouco da montanha, para ler os leitores do GLOBO, escrevendo semanalmente a partir deste sábado na página 7 do jornal. Também estará na revista "Época".

— Pois — ateu sei um polemista, mas não é este o centro das minhas atenções. Estou contente com essas novas colaborações. Serão só artigos por mês, em que falarei de assuntos variados, não só dos polemicos. Terrei espaço para explicar minhas posições — afirma Oliveira, que não se considera um polemista, mas que lança em controversias públicas, quando seu desentendimento com a Sociedade Brasileira para a Pesquisa Científica (SBPC) ganhou ampla cobertura na imprensa.

Um comitê da entidade rejeitara a publicação de um trabalho seu sobre Aristóteles considerado como uma crítica ao Ocaso passou a discutir esse assunto em suas reuniões.

Em pouco tempo, o caso virou notícia. Nessa época, publicou por insistência do poeta Bruno Tinento seu primeiro livro de filosofia, "O jardim das alícices — de Epicuro à resurreição de Jesus: ensaio sobre o materialismo e a religião civil".

Prazer e divertimento na esgrima intelectual

- A fama de polemista cresceu com a publicação de "O imbecil coletivo", em 1997, uma reunião de críticas ao tratamento dado à cultura nos jornais.

— Fazia anos eu acompanhava o movimento intelectual brasileiro e via uma decadência acentuada cada vez que abria o suplemento de cultura de um jornal. Eram publicadas coisas de um primarismo que há 20 anos não seriam aceitas no ginásio — afirma Olavo, que

rian aceitas no ginásio — afirma Olavo, que

Filósofo accidental

O polemista Olavo de Carvalho escreverá artigos semanais no GLOBO

contesta o tipo de reação que causou. — Por que não podemos ser contra uma, duas, três ou 20 coisas ao mesmo tempo? Mas no Brasil, se somos contra algo, criase logo a ideia de que somos a favor do seu contrário.

A principal crítica à esquerda e aos intelectuais brasileiros em geral refere-se a esse rígido que só admira, segundo Olavo, o pensamento ideológico, modelo concebido a partir de Queiroz, que é o "início do cultivo". É uma paródoia do intelectual coletivo proposta pelo filósofo italiano.

O pensamento ideológico não quer saber de realidade, não hunger, ondulação, etc.

ber da realidade, mas busca produzir acontecimentos. Todo o conhecimento vira pretexto para forçar acontecimentos. Sou contra o próprio Gramsci, culpado dessa concepção que abre a porta ao vale-tudo. A ideologização da cultura imbeciliza as pessoas. No século XX, o malefício do pensamento ideológico é contado em milhões de mortos.

Na raiz da sua crítica, porém, não há apenas indignação. Olavo confessa ter prazer com a esgrima intelectual.

— Divirto-me um bocado. Enquanto escrevo, fico rindo, prevenido como o adversário ficará bravo e será em vão. Nunca tive raiava de ninguém nesse negócio. Mas se o sujeito

de ninguém nesse negócio. Mas se o sujeito quer virar objeto de gozação, a gente faz isso — afirma ele rindo.

que houvesse um partido de direita no país,

"pela democracia". A política brasileira, na sua visão, é hoje um jogo exclusivo de partidos de esquerda. Nos artigos do GLOBO, se discutem e rediscutem essas opiniões e questões que o inquietam e são temas dos livros em preparação. Em "O olho do Sol", já com 709 páginas, busca fundamentar a idéia de democracia científica, em "Ser e poder: a questão fundamental da filosofia política", até o momento com 204 apresentações, nova definição de domínio. O site www.olavodecarvalho.org é uma boa porta para se entrar em contato com esse universo.

Olavo diz que o saber foi sua única ambição. Na adolescência, vivia com a deprimente sensação de nada entender. Na escola, a biologia e o latim foram seus únicos interesses, por influência de dois ótimos professores. Quando, aos 17 anos, começou a trabalhar em jornal — no “Notícias populares”, de São Paulo — e filiou-se ao Partido Comunista, sentiu um buraco em sua formação. Foi

ta, sentiu um buraco em sua formação. Frequentou como ouvinte aulas na PUC e na USP, mas se decepcionou.

Ao jornal, precisava dar apenas cinco horas por dia e o resto do tempo passou a ser ocu-

pado com aulas de cinema, teatro e muita literatura. Formou pouco a pouco uma biblioteca que refletia o desenvolvimento histórico das disciplinas que elegera: filosofia, estudos literários e religiosos comparados. Ao longo dos anos e das mudanças — teve oito filhos em três casamentos — vendeu quatorze bibliotecas, com cerca de 15 mil volumes no total.

— Na ditadura militar, com muitos presos, torturados, mortos, percebi Brasil ia ladeira abaixo para as trevas que o melhor era me retirar e estudar entender o que se passava. Isolei-me aos 47 anos.

A astrologia da Idade Média como base

• Com o tempo, diminuiu a atividade jornalística para se dedicar mais aos cursos, os Seminários de Filosofia, que dá duas vezes por mês no Rio e em São Paulo. Calcula ter tido cerca de cinco mil alunos e escrito umas dez mil páginas. A filosofia veio por contingência.

— Quando quis estudar estava resolvendo de um problema pessoal. A perspectiva

do um problema pessoal. A perspectiva profunda é que o que se está discutindo é a natureza humana. Quando se quer viver filosófico ou profissionalmente, estuda-se já com esse canaço, como se fosse uma profissão. Mas a filosofia não é essencialmente isso, ela é essencialmente algo mais. A filosofia é sobretodo um saber, uma consciência que se adquire.

A visão de mundo de Olavo tem raiz no merligho que fez aos 30 anos na cultura da Idade Média, época que estudou por mais de dez anos, aproveitando seus conhecimentos de latim. Ele diz-se aficionado por astrológia.

— Sem conhecer astrológia não se consegue entender a cultura medieval. Quais estudos

simbólica daquela época.

Durante um tempo, dedicou-se ao Islã — aprendeu árabe e recita trechos do Alcorão — e ganhou um prêmio na Arábia Saudita em 1985 por um livro de 200 páginas (não publicado) sobre Maomé, no qual usou os conhecimentos da simbólica medievais para interpretar episódios da vida do profeta. Praticou o cristianismo, porque faz parte de seu universo, mas ficaria à vontade para professar o islamismo. Isso porque, na sua opinião, cristianismo, islamismo e judaísmo têm no fundo o mesmo objectivo: a salvação de Deus é para Olavo uma obviedade suprema, a base fundadora de tudo. ■

General theory of the Collective Imbecile

by Wagner Carelli

In July 1997, the cover of the *República* magazine featured Olavo de Carvalho's *Collective Imbecile*. In a nine-page reportage, the magazine was highly complimentary about the philosopher's intellectual achievements. *República* regards him as being "nowadays the critic and interpreter with the greatest knowledge of the Brazilian and universal cultures, in tireless, productive, and steady activity". With "devastating critique and endless compassion", "he is a solitary intellectual, a lone ranger of thought, fast and infallible in his criticism".

República (S. Paulo), July 1997

República

o prazer da política
e as políticas do prazer

JULHO 97 - ANO 1 - N° 9 R\$ 5,50

abdiou de
opinião própria
e pensa como
estará

o que não
pode catalogar
não cheira bem

se os fatos
não confirmam
sua teoria,
pior para os fatos

é um bigocêntrico

a inteligência
da espécie humana
não vale nada,
só a sua

não escuta
vozes
isoladas

é frágil, vaidoso
e se desespera
se os outros
não compartilham
da sua opinião

Teoria Geral do **Imbecil Coletivo**

O filósofo Olavo de Carvalho anuncia a falência cerebral do
intelectual brasileiro e propõe uma revolução das consciências



MARIA THEREZA GOULART: "SOU A IMAGEM DA ÉPOCA BONITA DO BRASIL"

CAPA/ENTREVISTA

■ ANIMAL POLÍTICO

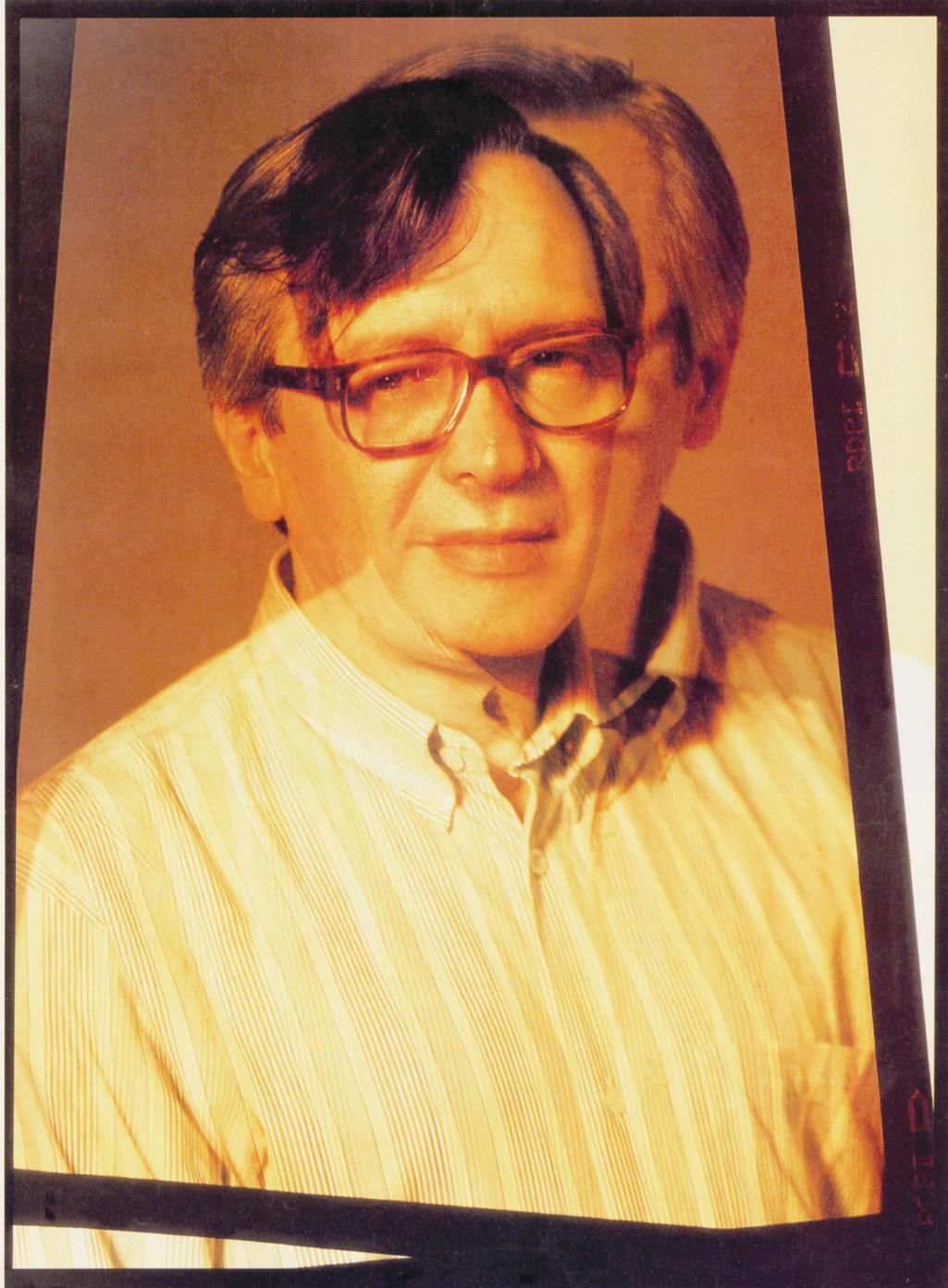


FOTO CLAUDIA JAGUARIBE

Abaixo o imbecil coletivo! Todo poder ao indivíduo!

POR
WAGNER
CARELLI

O filósofo Olavo de Carvalho escreve o último livro subversivo e propõe a única revolução que o intelectual ainda pode abraçar: a que libertará as inteligências dos grilhões da ideologia

Fotos Claudia Jaguaribe e Bruno Veiga
Ilustração de Cárcamo

OLAVO, o herético: crítica devastadora e compaixão infinita

O livro chama brutalmente a atenção pelo título – *O Imbecil Coletivo – Atualidades Inculturais Brasileiras* – e por nada mais, em princípio. Muito em princípio, porque basta abri-lo em qualquer página para revelar-se o que possa haver de distinto na expressão intelectual brasileira, hoje: originalidade, sabedoria, abrangência, discernimento, critério e uma inabalável crença, em meio à mais aguda e dolorosa crítica, na inteligência do ser humano. Tudo exposto em tremenda e desafetada erudição, texto delicioso – consequentemente acessível – e humor incansável. Volta-se à capa e o nome do autor, Olavo de Carvalho, passa francamente despercebido pelo comum dos leitores. Alguém pergunta: “Não seria Olavo Monteiro de Carvalho?”

Não. O filósofo Olavo de Carvalho está muito aquém de ser rico, não figura em coluna social, não partilha de qualquer poder instituído, não pertence a grupo ou paleta, não dá palpites sobre o que for em programa de TV. É o antípoda da “pessoa maravilhosa”, do assim chamado “formador de opinião”. Aparece pouco e, sobretudo, jamais é visto falando o que não sabe. Ele sabe muito, em todo caso, o que não ajuda a torná-lo mais visível. Assusta a sinceridade certeira, reveladora, com que desautoriza o pensamento de luminares da inteligência pátria e implode suas referências políticas e ideológicas, sejam locais ou estrangeiras, antigas ou recentes. É hoje, por aqui, o crítico e intérprete de maior clareza da cultura, brasileira e universal, em atividade franca, incansável, produtiva. Um sábio e um perigo, porque Olavo de Carvalho parece imunizado contra a vaidade que assola seus pares. O caráter de sua inteligência dá mostras de ser moralmente inflexível e não cooptável em um meio de frágeis espíritos, capazes de definhar à míngua na carência do elogio e da aceitação.

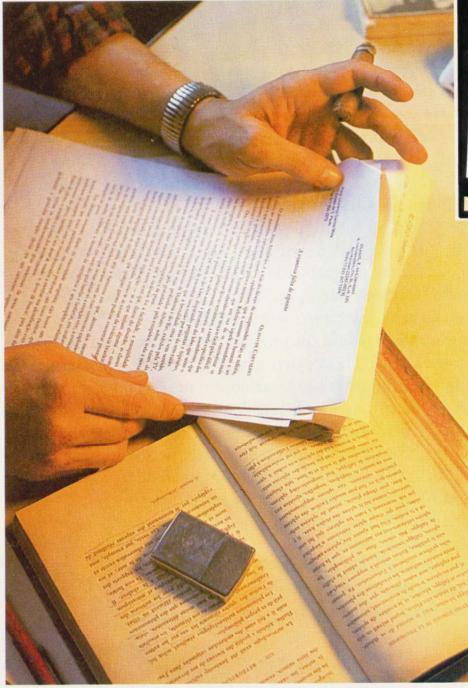
Significa que ele não quer e não irá unir sua voz altíssima ao coro monocórdio, complacente e acrítico, de uma intelectualidade corporativista: até o hipotálamo, que se autodeclara inatacável e mantinha-se inatacada até o advento dessa absoluta novidade: um intelectual solitário, um *lone ranger* do pensamento, rápido e infalível na crítica, e disposto a mirar contra os próprios caras-pálidas. Depois de algumas escaramuças públicas que chamuscaram

abdicou de
opinião própria
e pensa como
estatal



as mais sólidas vaidades, o coletivo da inteligência chamou a cavalaria de volta ao forte e apelou para seu mais covarde recurso: o descaso, sempre à mão, sempre eficaz na gerência das instituições brasileiras. Se Olavo de Carvalho não está entre eles, não está em lugar nenhum – não existe.

O Imbecil Coletivo segue atirando, porém, e já vai pela terceira edição – “revista, aumentada e muito piorada” –, sem publicidade, passando ao largo de gritos e sussurros, com apelo estável e constante entre os ávidos pela verdade. Muito por cima, o livro é o resultado da simples leitura, pelo autor, dos cadernos culturais dos grandes jornais brasileiros. Desse microcosmo conforma-se toda uma filosofia, de fato, original, com uma teoria do conhecimento, com uma metafísica, uma ética. Uma filosofia elaborada longe das academias, em formação solitária e disciplinada, levada a cabo em 20 anos de “isolamento profilático”, como diz o filósofo, “estudando o que ninguém estudava, preocupando-se com o que ninguém se preocupava” – sobretudo, e à diferença de seus pares, em não falar bobagens. Há três anos, Olavo de Carvalho julgou-se afinal competente e equipado para apontar publicamente todas as bobagens que é capaz de perceber. Para acomodá-las, foram necessárias as 483 páginas de *O Imbecil Coletivo*, quase todas elas escritas em tom de urgência jornalística e organizadas em artigos que nenhum jornal ousou publicar antecipadamente.



OS ESCRITOS: 14 livros publicados e 20 mil páginas à espera

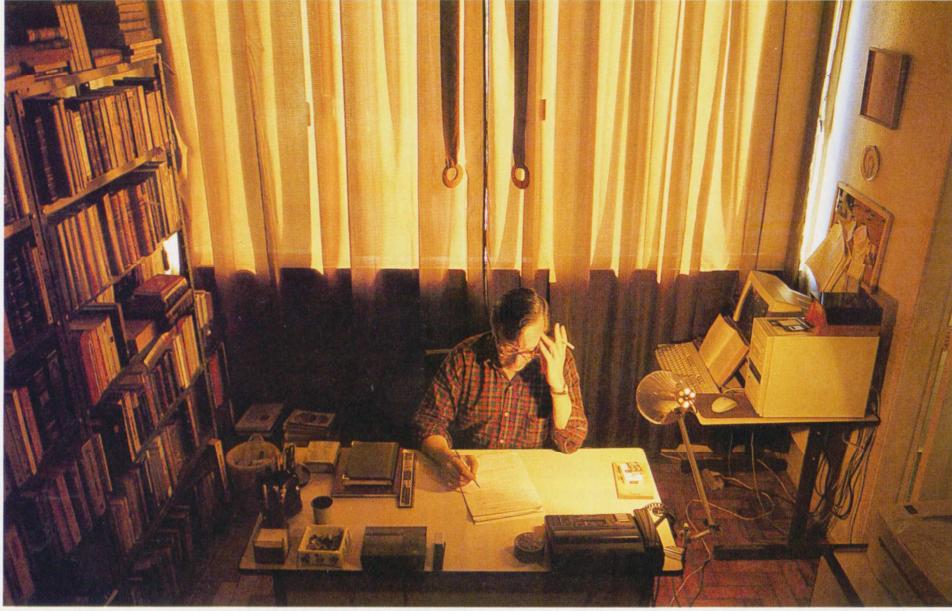
O que fere mortalmente em Olavo de Carvalho é a qualidade de suas objeções e a coragem de assestá-las contra alvos distantes e insuspeitados. Seu conceito de “imbecil coletivo” parte de uma crítica feroz à idéia de “intelectual coletivo” proposta por Antonio Gramsci, a última chance, o derradeiro pensador a ser aureolado pela esquerda com o dom da infalibilidade. “Gramsci nega que o conhecimento humano possa descrever o real e declara que a última finalidade dos nossos esforços culturais e científicos é expressar desejos coletivos”, diz Olavo de Carvalho em *O Imbecil Coletivo*. “Ele quer demonstrar que não há conceitos nem juízos universais válidos, mas é possível criá-los pela propaganda, fazendo todas as pessoas partilhar das mesmas crenças. Gerar essas crenças é a função do intelectual. O ‘intelectual coletivo’, essa entidade fantasmagórica incumbida de dirigir as consciências de seres desprovidos de consciências, formada ela mesma de indivíduos que por si não têm consciência nenhuma, vai moldando os sentimentos da massa sem dar margens a discussões, nem prestar satisfações à exigência de uma ‘verdade’”.

Essa entidade teria vingado e está aí. É talvez a maior conquista de uma esquerda que, derrotada no confronto direto, armado, mimetizou o inimigo e organizou-se como Estado, como uma superestrutura

sobreposta à ação do indivíduo em qualquer instância e circunstância da vida pública e privada. À escalada vertiginosa da estatização que o Estado Novo inaugura no país nos anos 30 – quando será estabelecido que o Estado, não o indivíduo, faz tudo e consequentemente faz a história –, corresponde também o início do processo de estatização de corações e mentes pela *intelligentzia*. Essa palavra russa, lembra Olavo de Carvalho, não abrange em seu significado todas as pessoas engajadas em tarefas científicas, filosóficas ou artísticas, “mas só aquelas que se persuadem mutuamente de estar colaborando para algo que juram ser o progresso social e político da humankindade”. Desse núcleo, Gramsci extrai seu intelectual coletivo. E Olavo de Carvalho, seu imbecil coletivo.

“Uma vez esclarecido o significado de *intelligentzia*, a expressão que nomeia o livro adquire plena clareza”, ele escreve. “O imbecil coletivo é uma coletividade de pessoas de inteligência normal ou mesmo superior que se reúnem movidas pelo desejo comum de imbecilizar-se umas às outras.” O processo teria três fases. Primeiro, cada membro da coletividade se compromete a nada perceber que não seja percebido por todos os outros. Segundo, todos juram de pés

FOTO BRUNO VIEGAS/TYBA



NO ESCRITÓRIO-biblioteca de 20 metros quadrados: o suficiente para um intelectual contrário a subsídio, que nunca pediu um tostão

juntos que o que eles percebem coletivamente é o mundo verdadeiro. Terceiro, fica estabelecido que o padrão de conhecimento expresso pela comunidade como um todo não pode ser superado por qualquer consciência individual, de dentro ou de fora do grupo. "Assim, se um dos membros da coletividade é mordido por um cachorro", escreve Olavo de Carvalho, "deve imediatamente telefonar para os demais e perguntar-lhes se de fato foi mordido por um cachorro".

Essa é talvez a crítica mais relevante que a intelectualidade brasileira – em nada muito diferente da que pontifica em toda parte do mundo – poderia ouvir. Se ouvisse, de fato, teria aí o mais provável e efetivo instrumento para sua libertação, para despertar de sua letargia produtiva e revigorar sua expressão anêmica. O que se escutou claramente, contudo, foi apenas a palavra “imbécil”, tomada pessoalmente e contra-atacada, como de praxe, com a ofensa pessoal. Ao fulgor dos argumentos de Olavo de Carvalho não se opôs sequer um espelhinho. Leandro Konder foi dizer aos jornais que aquele era “um discurso de direita”, Emir Sader disse simplicemente que “ele (Olavo) é de direita”, outro escreveu que se tratava de “um auto-intitulado filósofo” e Muniz Sodré disse que o personagem “nem homem é”.

Que Olavo de Carvalho não é de esquerda, é certo. Em todo caso, estudou o marxismo por sete anos e militou no Partido Comunista por três, à época do racha de Carlos Marighella. “No fundo, eu estava ali por solidariedade a meus amigos, mas estudei tudo não só do Marx, como até a merda daquele manual de filosofia da Academia de Ciências da URSS.

Quando apareceu o Lukács, foi um alívio: era um grande homem. Mas a coisa toda não respondia, não era nada que pudesse satisfazer a alma.”

Ele fala em alma – logo, não pode ser de esquerda e, consequentemente, é de direita. É próprio da imbecilização coletiva: quem não estiver à esquerda, só pode estar à direita, e vice-versa. Não há outro ponto localizável no universo intelectual. Dizê-lo “de direita” é ainda procurar colocá-lo como membro da élite abastada e afilhado do poder que supostamente representaria. Quem dera. Olavo de Carvalho vive em um apartamento de sala e quarto num prédio popular, em Laranjeiras, no Rio de Janeiro; a seu igualmente minúsculo escritório, no apartamento ao lado, de paredes forradas de livros do chão ao teto por onde passeia uma gata, só se tem acesso por uma porta empenada. “E não estou reclamando: sou contra mecenato, subsídio, nunca pedi um tostão a ninguém e o que ganho é suficiente. Dívida cultural é barata”, diz.

Ele não é, tampouco, um filósofo diplomado. É um filósofo de fato, com produção exposta em currículo de 11 páginas, espaço dois. “Diploma? Deus me livre. Nem diploma, nem boate. Eu entretive a idéia de fazer um curso de filosofia e cheguei a curtir umas aulinhas na PUC-SP e na USP, o que não te catalogar, cheira bem, se os patos não confirmam sua teoria, pior para os patos”

FOTO BRUNO VIEGAS/TYBA





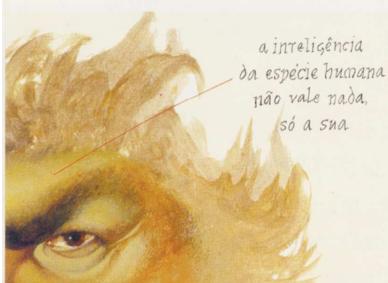
OS SEMINÁRIOS de Filosofia: autodidatismo cultuado

suficiente para perceber que era uma perda de tempo total. Foi só fazer as contas: quanto tempo eu vou levar pra tomar o ônibus, chegar lá, escutar o cara falando e voltar? Sete, oito horas por dia, durante cinco anos. Muito tempo pra ouvir a Marilena Chauí: dava pra fazer as obras completas de Aristóteles."

Ele vai chegando lá, *O Imbecil Coletivo* é só o rostrum, como define, de sua obra. "É aquela figura de ferro que vai na proa da embarcação para demolir a outra – mas atrás tem navio." O navio é composto de 14 livros publicados, dos quais sua predileção parece recair sobre o douto e lindamente escrito *Jardim das Aflições*, de 1995 – "Onde mostrei aos leitores o combate de Leviatã e Behemot no horizonte interno da história ocidental", escreve. *O Imbecil Coletivo*, *O Jardim das Aflições* e mais *A Nova Era e a Revolução*, de 1994, comporiam na verdade uma trilogia com o sentido de "situar a cultura brasileira no quadro maior das idéias no Ocidente, num período que vai de Épicuro à 'Nova Retórica' de Chaim Perelman", de onde Olavo de Carvalho chegou a uma "conclusão inescapável": "As ideologias, quaisquer que fossem, estavam sempre limitadas à dimensão horizontal do tempo e do espaço, opunham o coletivo ao coletivo, o número ao número; perdida a vertical que unia a alma individual à universalidade do espírito divino, o singular ao Singular, perdia-se também o sentimento de escala, o senso das proporções e das prioridades". Pifio, não?

E a expressão de um "filósofo auto-intitulado".

O navio da obra de Olavo de Carvalho ainda inclui em sua estrutura dois livros em preparação para publicação este ano e pelo menos outras 20 mil páginas escritas ainda por publicar. Ele tem trabalhos premiados sobre o



Nos EUA, só resta colocar os racistas em torno da mesa para dialogar. O brasileiro dialoga entre raças na cama. Querem mexer justo onde acertamos?

Islamismo – na Arábia Saudita – e sobre Ortega y Gasset – na Espanha. Lê em inglês, francês, espanhol, italiano, alemão, grego e latim. Fundou o Instituto de Artes Liberais. Fundou com Luis Pellegrini uma das melhores livrarias do país, a Zipak, em São Paulo. É consultor de encyclopédia para assuntos de filosofia, simbolismo e religião comparada. Dirige um cultuado *Seminário de Filosofia* na Faculdade da Cidade, no Rio, que também editou *O Imbecil Coletivo*. Vive exclusivamente do resultado dessas atividades.

Quanto a Olavo de Carvalho "não ser nem homem", deve-se examinar a assertiva em duas vertentes. Muniz Sodré quis rubricá-lo com a acepção mais grosseira e negar-lhe a masculinidade, parece evidente. Mas Olavo de Carvalho casou-se cinco vezes – em todas,

com mulheres – e tem oito filhos. Sua paixão de infância pelas religiões, que o levou pelo caminho do conhecimento, é só e intensamente intelectual. A mãe tentou convencê-lo a trilhar o sacerdócio, mas outra paixão do filósofo, as mulheres – essa nada cerebral e incontrolavelmente carnal –, frustrou a expectativa materna. Aliás, para quem também lhe confere a pecha de racista, lembre-se que sua primeira mulher é negra. "Tenho um filho de cabelo pixaim", diz.

Dizer de Olavo de Carvalho que "não é homem", na outra vertente, essa percebida apenas como ato falho, em sinais emitidos pelo poderoso inconsciente coletivo da *intelligenzia* nacional, é negar-lhe a humanidade. Um golpe baixíssimo e, no caso, um ato próprio e revelador da mais cruel desumanidade. Olavo de Carvalho é um homem falando aos homens, na mais transbordante representatividade que a espécie confere ao termo, no singular e no plural. Não se nota em seus textos minúscula ponta de rancor ou inveja; sua crítica toma indivíduos apenas como amostra de fenômenos mais ou menos

FOTO BRUNO VIEIRA/TP

universais: está cheia de compaixão, confiança no destino do homem e empenho na libertação das consciências.

Não fosse assim, nada teria a dizer esse paulista de Campinas, há sete anos no Rio, de apenas 50 anos completados em abril. "Não vou ficar rico, comprar iate, aparecer com o que eu escrevo, e nunca tive a ilusão de mudar nada", ele diz. "O mundo, depois que eu sair, vai estar do jeito que estava quando eu entrei, senão pior. Mas é obrigatório passar o saber adiante, só para que as pessoas se sintam um pouco melhor. Durante toda a minha infância e juventude, tive a opressiva sensação de não estar entendendo porra nenhuma, uma sensação de burrice atroz. Sei o quanto é duro não entender, levar as pancadas do destino sem saber de onde vêm. A maior parte das pessoas vive assim. Tudo que faço tem o fim de aliviar meia dúzia delas, que seja, desse fardo. Se o efeito for maior, melhor, mas não cabe a nós decidir sobre os efeitos dos nossos atos. Dar certo não importa. Fazer o certo, sim."

Olavo de Carvalho concedeu a seguinte entrevista à *República*:

República: Vamos classificá-lo, à moda do imbecil coletivo: você é o primeiro ombudsman da cultura política e da política da cultura no Brasil.

Olavo de Carvalho: Ombudsman? *Ombudsman?* Obrigado pelo título, era tudo que eu desejava. O que eu queria ser quando crescesse. Mas é bom ressaltar que o imbecil coletivo é um fenômeno mundial. Ele aparece quando começa a organização estrutural em que se apoia a atividade da cultura hoje em dia. Podemos ditar isso aí, mais ou menos, das décadas que antecederam a Revolução Francesa, quando começam a se formar aqueles famosos clubes, o clube jacobino, e tal. Aí se iniciou um tipo de atividade intelectual que consistia basicamente em assembleias. Procurava-se formar rapidamente um consenso entre a classe letitada, consenso esse que se denominava opinião pública, embora fosse a opinião de apenas uma pequeniníssima elite. Era a elite falante. Nessa época, começa também o culto das personalidades notáveis. Antes do século 18, personalidade notável só poderia ser um guerreiro, um sábio ou um santo, e sua fama se disseminava oralmente – pouco, quer dizer. Levava um tempão até que se ouvisse falar, na Alemanha, do milagre de um santo na Itália. Com o progresso da imprensa começa a haver uma difusão maior e cria-se o culto da personalidade notável, que vem a ser o diferente dos outros – o sujeito esquisito. Mas ele não é tão diferente assim, porque surge uma leva de pessoas igualmente diferentes, igualmente esquisitas. Surge uma

faixa de pessoas uniformemente notáveis, e o protótipo deles é Rousseau. Ele é o primeiro sujeito que escreve um livro todo dizendo: "Eu, eu, eu, eu, eu isso, eu aquilo". O primeiro autor umbigocêntrico da história universal. Então todo mundo quer ser como Rousseau, quer ser uma pessoa notável, quando nem se entende bem o que é que há de notável na pessoa. Notável é aí, em princípio, o cara que fala de si de uma maneira interessante e tem algo de extravagante para contar. O século 19 é todinho feito dessas pessoas.

Um coletivo de pessoas que se acham muito diferentes – e que são iguais entre si.

E que compõem uma casta com o direito de ser diferente sem pagar o preço. Essas pessoas acabam premiadas pela diferença, aliás. São pessoas sempre estipendiadas, ajudadas pelo governo, por fundações, por ricaços. E estabelecem aos poucos a intelectualidade moderna. Claro que ao mesmo tempo se desenvolveu o que chamariam a atividade intelectual normal – a de quem faz pesquisa científica, que estuda temas filosóficos, que dá aula – e que permanece num discretíssimo segundo plano. Esses também configuram uma legião, mas quando se fala em intelectualidade se pensa primeiro na figura notável, na gente maravilhosa. O fenômeno do imbecil coletivo se dá sobre tudo na faixa das pessoas maravilhosas, aquelas que o Edgar Morin chama de "a classe falante". São as pessoas que têm o dever de ter opinião, mesmo sobre assuntos de que nada entendem. O ator de teatro é consultado sobre o controle da natalidade, o padre é consultado sobre a venda da Vale do Rio Doce.

Mas como se dá o fenômeno?

Onde quer que a intelectualidade cresça, há grandes movimentos ideológicos que procuram apossar-se dela, dominar a mente do intelectual – e nada mais fácil que dominar a mente do intelectual. O movimento comunista sempre desprezou os intelectuais, mas sempre os teve a seu serviço. Lênin tinha nojo de intelectual, mas ao mesmo tempo tinha a seu lado um coro de puxa-sacos. São pessoas frágeis pela vaidade, sempre

FOTO BRUNO VIEGAS/TYBA



COM OS alunos em restaurante carioca: soltando a voz depois de 20 anos de "isolamento profilático"

necessitadas de demonstrações de amor e afeição, vivem com os nervos à flor da pele e precisam de reforço no seu modo de ser.

Dá para fazer um retrato falado do imbecil coletivo?

O protótipo do intelectual das classes falantes, hoje, é, primeiramente, o sujeito que não sabe ficar sozinho: se ele tiver uma opinião que não é compartilhada pelos outros ele fica desesperado. Durante toda a história humana sempre houve a idéia de que a vida intelectual profunda está ligada à solidão. De repente surge uma idéia contrária, a desse intelectual público, que tem sempre de estar com a cara à mostra, tem sempre de estar no palco. Aí se forma a imbecilidade coletiva: na incapacidade do indivíduo ver as coisas fora do contexto da sua casta. Quando um certo discurso se dissemina nessa casta, torna-se de tal forma arraigado que é impossível sair dele por um único minuto. Seja do que for que se fale, tudo é automaticamente convertido para essa gramática.

Esse fenômeno mundial não tem uma expressão específica, brasileira?

No Brasil, isso se tornou especialmente notável depois da década de 30, quando os comunistas ganharam a luta pelo poder entre a intelectualidade. Há inclusive uma data-marco, o famoso episódio do congresso da Associação Brasileira dos Escritores, que os comunistas tomaram a muque. Esse domínio, que viria a se expandir grandemente, pelo meio editorial, pela imprensa, acabou sendo desfeito nos últimos anos. A mentalidade dominante nessa faixa, hoje, já não obedece mais a um comando unificado. O que está aí é uma espécie de discurso residual, como o sapo que continua se mexendo depois que morreu.

Mas esse sapo não parece mais vivo que antes?

Sim. Esse discurso residual é mais forte. Antigamente havia um comando unificado com o qual se podia discutir. Agora ninguém comanda, ninguém discute. Hoje, todo mundo é marxista sem saber. Se você liga a televisão, você vê o discurso da luta de classes da manhã à noite. Começa com o curso supletivo, de manhãzinha, que ensina a luta de classes como uma realidade básica, diz que a economia é o motor da história. Parece um cursinho preparatório de *agit-prop*. Mas não é, não foi feito com essa intenção. O sujeito põe lá no ar a única versão da história que ele conhece.

Mas o que acontece? Por quê?

Fora Karl Marx não tem outra versão tão simples, que se posa tão facilmente reduzir a um discurso uniforme. As outras versões são conflitantes entre si, são complicadas, são difíceis, não dão para formar uma unanimidade em torno delas. Do outro lado, entre os liberais, não há consenso nas opiniões, não há unidade de doutrina. O jovem letrado quer sentir que

participa da mentalidade comum dos seus pares e adere a esse discurso que chamaríamos, como chamaríamos, como chamaríamos, como chamaríamos, como chamaríamos, como chamaríamos, sei lá o

nome do bicho. Mas é um discurso marxista residual, que nos ensina que a história é movida pela luta de classes, que existe a mais-valia, essa coisa toda que economicamente falando não tem o menor sentido.

A propósito desse sapo, todo mundo parece prestar atenção no que dizem os ideólogos da esquerda norte-americana, como Fredric Jameson. Uma esquerda que nunca se propôs a fazer revolução e que discute questões ultrapassadas entre os comunistas brasileiros pelo menos desde 1960.

Claro, a esquerda norte-americana nunca teve a ilusão de fazer uma revolução socialista nos Estados Unidos. Ela se tornou uma esquerda mais voltada para questões específicas, a

das minorias, a dos direitos humanos. Criou um discurso, vamos dizer assim, complementar. Eles se conformavam em viver no capitalismo mas procuravam aguçar os antagonismos, as contradições. Hoje, quando o mundo inteiro desistiu de fazer a revolução socialista, a intelectualidade do mundo inteiro virou uma espécie de esquerda norte-americana. Uma esquerda que não quer o socialismo – só quer priorizar o capitalismo, tornar a nossa vida mais insuportável no capitalismo.

O politicamente correto parece ir por aí, não?

Sim. O que se procura fazer é explorar os antagonismos entre grupos, entre raças, entre religiões, jogar homem contra mulher, o gay contra o hetero. É o tempo todo essa conversa. Chegaram a um discurso francamente racista que só na aparência é contra o racismo. Que eu saiba o Brasil era o único país do mundo que tinha uma cultura não-racista, embora tivesse uma sociedade ainda com resíduos do racismo. A cultura não era racista; com a sociedade aconteceu uma estratificação social diferente: os descendentes de pretos herdaram o ônus do longo tempo em que seus antepassados ficaram por baixo, durante a escravidão, e não conseguem se levantar, pela exclusão econômica. Que também não é o propósito consciente de ninguém: esse é o efeito impremedido de uma série de erros. Mas se o Brasil tinha uma solução, por que agora tem de importar o problema?

E o protesto vem em caixa-preta, se faz exatamente do mesmo jeito que é feito lá fora.

Vem tudo prontinho, é tudo macaqueado. Por que copiar justamente o que esses americanos desastrados fizeram? Eles nunca souberam lidar com isso, estão imersos naquele puritanismo que tem uma repelência física pelo sujeito da outra raça. Nos Estados Unidos, anti-racismo significa formar uma comissão de judeus, uma comissão de pretos, uma comissão de irlandeses, outra de italianos, cada uma representando a sua comunidade. Aqui não dá para fazer isso: a única comunidade

**A intelectualidade
do mundo inteiro
aderiu aos caipiras
da esquerda
norte-americana.
Desistiu do
socialismo e
só quer priorizar
o capitalismo**



com unidade, por tradição, é a judaica – e os judeus são meia dúzia no país. O descendente de alemão não está ligado à cultura alemã – está ligado à brasileira. O de italiano também. Somos todos brasileiros. Não é possível estabelecer aqui uma democracia racial na base da representação – que é uma solução precária, encontrada em um país racista. Lá os caras são racistas mesmo, só resta colocá-los em torno da mesa para dialogar. O brasileiro dialoga entre raças na cama. É uma das poucas coisas em que nós acertamos. Deveríamos ter orgulho disso, em vez de estragar.

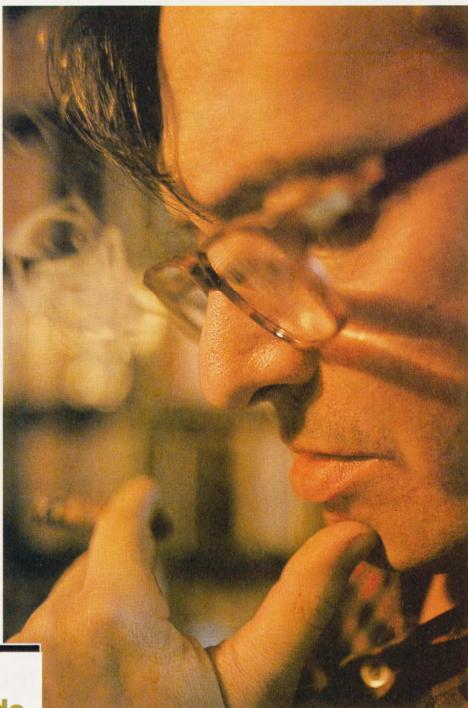
Mas todo mundo engole as questões caquéticas que eles propõem como se fossem a ordem do dia.

O debate sobre se a arte deveria ser participante ou não, por exemplo, é dos anos 50. E à época, a decisão final das grandes cabeças do PC, Lukács entre eles, foi que um artista com talento e cabeça reacionária, como o Balzac ou o Thomas Mann, poderia ser mais competente para produzir uma obra de arte que repetisse o movimento da história do que um artista pretensamente participante. Chegou-se à conclusão, mais ou menos consensual, de que não se deveria jogar a obra de arte por esse lado. Agora eles voltam a fazer a mesma pergunta. Ou seja, a esquerda sabia a resposta em 1950 e hoje já não sabe mais, porque a esquerda americana não passou por tudo isso. Foi sempre composta de um bando de analfabetos, que não leram Lukács até hoje. São uns caipiras, como esse Jameson que está chegando e não sabe porra nenhuma. Mas infelizmente esses caipiras estão com o microfone na mão e a câmera na cara deles.

Para quem quer manter atual o ideário de Marx, parece uma mão na roda.

Eu larguei esse negócio de marxismo muito antes de cair o muro de Berlim. Fui aos poucos perdendo o respeito por Karl Marx e hoje sinto mesmo um certo desprezo por ele. É tão furado... Minha primeira objeção, como eu digo no *Jardim das Afligções*, é que ele se diz materialista, mas como é que ele nos apresenta o mundo? Como se a natureza física fosse apenas um cenário passivo da ação humana: é a história que está no centro. Mas que raio de materialismo é esse? É totalmente incoerente, porque se a natureza não tem propriedades que atuam sobre nós, se a ação dessa espécie que ocupa um planetinha entre bilhões de galáxias – ação essa que mal arranca a casca do planeta –, se essa espécie é o centro atuante de todo o universo, então Marx não é materialista mais não. Ele é totalmente antropomórfico. Nada contra, mas aí é um antropomorfismo não consciente, e em filosofia eu sou contra qualquer coisa não

O PENSADOR: a sinceridade não pode ser coletiva



Cada um defende a sua alminha, para que não seja violentada por uma Idéia contrária que cometa o pecado de persuadi-la

consciente. O sujeito não pode, na sua filosofia, estar expondo uma idéia e por baixo passando outra. A filosofia está justamente para que isso não aconteça.

Por que a esquerda não consegue imaginar-se sem Marx?

Por que o intelectual não consegue mover-se daí?

Acho que é insegurança terceiro-mundista. Só por motivos estritamente filosóficos, sem levar em conta o lado político-ideológico, já não dá para aceitar Marx. O problema é que a formação do intelectual por aqui é deficiente. Ele não tem aquela certeza que se adquire facilmente num país mais velho, de cultura milenar, perante a qual se posicione. Na França, na Itália, é fácil ver se o sujeito sabe ou não sabe – porque tem muita gente que sabe, e o saber é confrontado. Aqui, a ausência de uma retaguarda histórica deixa todo mundo meio no ar. Posso dizer, hoje, que tenho segurança, mas passei a vida inteira no ar como todo mundo. Só que

tem o seguinte: eu fiquei quieto, e eles falaram o tempo todo. **E falaram protegidos por essa espécie de coletivização do trabalho cultural, em que todo mundo fala as mesmas bobagens e ninguém ousa dizer que se trata de bobagem, não é assim?** É, essa coisa da interconfirmação, o um aplaude o outro, o outro aplaude o um. No fundo ninguém sabe o que está fazendo. O pessoal confunde cultura nacional com cultura individual. Ninguém precisa, individualmente, criar uma cultura nacional. Precisa é fazer o próprio trabalho. A cultura nacional surge de uma somatória mais ou menos não premeditada. Aqui o

pessoal sempre pensa em criar rumos coletivos para a cultura nacional, e às vezes ele confunde o que deve ser o rumo dele com o que seria bom para o Brasil inteiro.

Pode-se falar em uma cultura nacional brasileira?

A cultura brasileira estava num caminho muito bom no tempo do Império. Na época que se formou a Academia Brasileira de Letras você tinha lá toda uma geração extraordinária – Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, Euclides da Cunha, gente do mais alto gabarito. Difícilmente vai ter uma outra geração assim. O problema é que aqui temos uma idéia errada sobre o que é sermos nós mesmos. Em primeiro lugar, não se pode falar em sermos autênticos no plano nacional se cada um não é na esfera individual. A sinceridade individual é tudo: a somatória de várias contribuições sinceras constituirá algo maior que valha a pena. Não adianta nada bolar uma sinceridade coletiva – a simples expressão do termo já mostra que se trata de uma palhaçada. Como poderá haver uma cultura nacional antes que cada um faça algo por conta própria?

O que é que forma, e o que atrapalha a formação de uma cultura nacional?

Eu acho que o mais importante é a possibilidade de contato pessoal entre as pessoas criadoras, inteligentes e cultas. Eu me perguntei muitas vezes: é preciso um regime democrático? É preciso riqueza? E percebi que surtos criadores aconteceram sob as circunstâncias políticas e econômicas mais variadas, não se consegue traçar por aí uma constante que demonstre que isto ou aquilo favorece ou desfavorece. O florescimento da cultura russa sob o despotismo czarista é fantástico. Não só eles estavam sob uma tirania como não tinham o que comer. Eram uns pés rapados, os únicos que tinham dinheiro no bolso eram Tólstoi e Turgueniev, e este vivia no exterior. Dostoiévski, Soloviev, grande filósofo do século 19, eram duros. Mas o que havia de comum nessas circunstâncias? A possibilidade do contato direto e pessoal, do diálogo entre aquelas pessoas diferentes. Em três grandes momentos da filosofia – a grega, a escolástica e o idealismo alemão – dá para localizar esses encontros pessoais. As duas maiores cabeças pensantes da filosofia escolástica, São Boaventura e São Tomás de Aquino, embora um pertencesse à ordem franciscana e outro à ordem dominicana, eram amigos pessoais e podiam trocar idéias. A mesma coisa aconteceu na academia platônica e no liceu aristotélico. O idealismo alemão envolvia umas 30 pessoas, mais ou menos, e todas se conheciam, se correspondiam, eram amigos. Esse encontro pessoal era uma coisa básica, e hoje em dia não se tem isso.



Esta parece ser uma era e um lugar em que o outro foi abolido, o outro não existe.

Não existe, e cada um fica defendendo a sua alminha, para que não seja violentada por uma idéia contrária que cometa o pecado de persuadi-la.

Mas não se pode dizer que o intelectual tenha tido a intenção declarada de recusar-se aos encontros.

Não. Por incrível que pareça, uma entidade que favoreceu e fomentou os encontros foi o Partido Comunista. Aliás, o Brasil foi educado pelas seguintes entidades: o PC, o Exército e a Maçonaria. Eram as três entidades em que as pessoas se encontravam e trocavam idéias. Infelizmente, nenhuma das três tem condições de criar uma cultura de interesse de todos –

cada uma cuida do seu interesse. Era necessário um ambiente mais neutro, que facilitasse essa convivência. De qualquer modo, o movimento editorial dos anos 30, 40, 50, propiciava esses encontros. A livraria José Olympio foi um lugar fantástico. De repente você chegava lá e encontrava o Francisco Campos, ministro da Justiça, homem de grande gênio não só jurídico mas também sociológico, a quem nunca deram o devido valor, conversando com o Graciliano Ramos. Eu e meus alunos fizemos uma série de entrevistas com os intelectuais que tinham se formado na década de 30. Pegamos o Herberto Salles, o Dorival Caymmi, o Enio Silveira. Queríamos investigar isso aí: como é que foi sua educação, o que é que te educou fundamentalmente. A resposta era unânime: eu aprendi com os amigos que eu fiz na juventude. Você vê que esse contato intenso era a coisa básica. Quando um cara estava escrevendo um livro, os outros tinham interesse em saber do que se tratava. Foi nessa época que o Augusto Frederico

A politização das consciências tem um sentido trágico. Todas as vezes que o sujeito não vê chance de ação política, a vida para ele perde o sentido

Schmidt buscou o Graciliano Ramos lá naquele cafundó-judas. Tinha gostado de um relatório que escrevera sobre sua gestão na Prefeitura de Palmeira dos Índios. A qualquer coisa que fosse criativa as pessoas davam valor e iam atrás. Que editor hoje está procurando o que quer que seja?

Como o intelectual brasileiro chegou à incapacidade de ser sincero?

A primeira coisa foi a politização excessiva da atividade intelectual durante o período da ditadura. Enquanto os militares dominavam o país, o pessoal da esquerda dominava os meios culturais e universitários. Essa politização tem um sentido trágico, porque toda vez que o indivíduo não vê chance de ação política, sua vida perde o sentido e a atividade de intelectual lhe parece uma besteira, quando é evidente

que qualquer atividade produtiva da inteligência tem um valor em si mesma, mesmo que não tenha nenhuma repercussão. Um homem que persiga uma verdade realizou uma possibilidade humana que não tinha sido realizada antes, mesmo que só ele fique sabendo. O pessoal acha que tudo aquilo que não tem repercussão histórica não é nada, mas está errado: o que aconteceu, aconteceu, mesmo que não tenha sido registrado. O que um homem realiza é realidade a partir desse momento, e marca mais uma etapa na evolução da espécie humana, ainda que os outros não percebam. Sócrates é o primeiro a perceber que a inteligência do indivíduo humano tem capacidade de captar verdades universais. Até então pensava-se que a verdade universal era o que estivesse incorporado à sociedade, ao Estado. Ele percebe que não. Vamos supor que Sócrates não tivesse tempo de avisar: o fato teria ocorrido, mesmo assim. Seria real. Um membro da espécie humana realizou uma possibilidade. E a partir desse momento aquilo é realizável pelos outros também. Mesmo que ninguém fique sabendo.

Mas pessoas maravilhosas, para que sejam maravilhosas, precisam da apreciação e do registro.

As pessoas só ligam para a repercussão histórica. E a repercussão histórica não é a realidade – é o que as pessoas falam dela. A repercussão do ato, a fama, acaba se tornando mais importante que você mesmo. Mas o que ninguém sabe, e que é real, pode ser muito mais importante. Os caras têm horror da verdade solitária. O que torna os seres humanos dignos de atenção, o que os eleva acima de um gato, ou uma minhoca, é a capacidade que todos têm de descobrir solitariamente a verdade.

Mas a cultura moderna não parece preocupada com a verdade, muito menos a de um só.

Toda a cultura moderna é uma cultura de lisonja ao egoísmo, ao que há de mais baixo no indivíduo. O que pode dar sentido à vida só se faz por um caminho subjetivo, que não se inventa: só você pode chegar até lá, ninguém mais em seu lugar. É seu dever e missão, algo que o supera, que é melhor que você mesmo, e que se torna o objeto de seu amor e dedicação. Um homem vale o que serve – a sua é uma glória emprestada, já se disse. Mas a voz corrente, hoje, é a de que a inteligência da espécie humana não vale nada, não é confiável – à exceção da inteligência de quem o diz, claro.

Seria possível então produzir verdades solitárias que desmintam toda uma suposta verdade coletiva, demonstrar que é possível estar certo contra tudo e todos – aparentemente o seu caso?

É possível que todos os historiadores se enganem. Acho difícil que a humanidade toda se engane, mas quantas vezes aconteceu de uma época ou uma coletividade inteira se enganar? As idéias que persistem por longo tempo entre toda a humanidade sem sofrer influências são dignas de atenção. "A verdade sempre vence", se diz. Mas também se diz que "a verdade é filha do tempo". As verdades contidas em *O Imbecil Coletivo* continuaram verdades quer o leiam, quer não. Quando o esquecerem, o livro não será menos verdadeiro. A não ser as partes que estão erradas, que eu não sei quais são, ainda. Pode ser que eu tenha falado um monte de asneira. Mas não percebi. ■■■

FOTO REPRODUÇÃO

Verdades solitárias

Brevíssima, mas sempre expressiva, seleção de pensamentos extraídos de *O Imbecil Coletivo*

O leitor. "Dirijo-me exclusivamente ao leitor individual, na solidão de sua consciência, naquele seu fundo insubornável de que falava Ortega y Gasset, onde ele é capaz de admitir verdades que renega em público. Dirijo-me ao que há de melhor nele, não à sua casca temerosa e servil que diz amém à opinião grupal por medo da solidão."

A culpa da ditadura. "A ditadura militar não explica a esterilidade intelectual do período, nem o total desespero dos letreados. O que explica, sim, é a incapacidade dos intelectuais brasileiros de enxergar valor e sentido no trabalho da inteligência fora das finalidades políticas imediatas. De sua depressão e isolamento vemos o nascimento das tendências morbosas, destrutivas e cínicas que depois viriam a contaminar toda a sociedade. Não conseguindo derrubar o governo, os intelectuais interiorizaram a revolta, puseram-se a derrubar a família, a moral, a gramática, a personalidade humana, os sentimentos, o respeito pela civilização, tudo aquilo que adorna e enobrece a vida, para disseminar em seu lugar um espírito de revolta nietzscheana e de cinismo nelsonrodriguesco. Tudo em nome, é claro, do combate à ditadura. Mesmo depois de extinta, a ditadura ainda é o pretexto legitimador de todas as baixezas."

Bom-tom vs. verdade. "Bruno Tolentino pode ter infringido as regras do bom-tom (*em sua polêmica com os irmãos Campos*). Mas uma cultura em que as regras de bom-tom são mais relevantes do que a veracidade intrínseca dos argumentos é uma cultura moribunda."



O LIVRO:
revisado e
muito piorado

Negros. "As novas bandeiras, importadas dos EUA, que se exibem nas manifestações da negritude parecem desenhadas pelos racistas brancos para expor ao ridículo o povo negro. A exigência de reparações é o exemplo mais visível. Os negros agora exigem uma indenização dos bisnetos de seus antigos senhores, mas ao mesmo tempo gabam-se de ser descendentes dos faraós, que escravizaram dezenas de povos durante 15 séculos. Não vejo como escapar da pergunta: por que vocês não pagam primeiro o que devem aos judeus? E a teoria das reparações sugere ainda uma outra pergunta, mais incômoda: quanto de sangue negro será preciso ter para ser admitido na fila do caixa? O mulato – cinqüenta por cento branco, cinqüenta por cento negro – paga ou recebe?"

Gays. "Nenhuma preferência sexual, por mais justa e legítima que seja, deve disputar a primazia com o que é necessário à sobrevivência da espécie humana. Os gays não têm, moralmente, nenhum direito de pretender que sua conduta valha tanto ou seja tão digna de respeito quanto a dos heteros. O homossexualismo é e sempre será uma questão de gosto, e o heterossexualismo, uma questão de vida ou morte."

The misery of materialism

by Reinaldo Azevedo, Fábio Santos and Michael Laub

In the opening of this five-page interview, Olavo de Carvalho is described as perhaps the most distinguished thinker in contemporary Brazil, and as a scholar

whose appreciation for freedom of thought has kept him outside of Brazilian universities and hence outside of the conventional academic establishment that tends to inhibit true intellectual work. Olavo de Carvalho is said to be the author of a dozen books; the publisher of a valuable collection of books which intended to offer Brazilian readers access to many important writers whose works had not yet been published in Portuguese; the editor of the *Collected Essays* of Otto Maria

Carpeaux, an Austro-Brazilian writer whose monumental work on universal literature has put him among the greatest geniuses of literary criticism; and a contributor to several periodicals, including the *Bravo!* magazine.

República (S. Paulo), February 2000



A MISÉRIA DO

Olavo de Carvalho foge da “lengalenga de Nietzsche, Foucault e Gramsci”, lança a Biblioteca de Filosofia e diz que o destino eterno do homem deve ser a grande preocupação do pensador

POR REINALDO AZEVEDO, FÁBIO SANTOS E MICHEL LAUB

Fotos Eduardo Simões



MATERIALISMO

O filósofo Olavo
de Carvalho:
"Não penso
para agradar à
esquerda ou
à direita"

Olavo de Carvalho, 52 anos, não é um pensador profissional, mas é dos mais prolíficos entre seus pares. Se é que ele tem par. Autodidata por decisão e apreço à liberdade de pensar sem amarras, está fora da universidade, distante das correntes consagradas de pensamento e, com alguma frequência, é visto no centro de algumas polêmicas, alvejado pelo poderoso eixo acadêmico-mediático do pensamento politicamente correto. Ocorre que ele não é facilmente catalogável. Há poucos meses, um lançamento monumental trazia a sua marca. Foi ele quem selecionou, organizou e comentou o primeiro volume de *Ensaios Reunidos*, uma seleção de textos que Otto Maria Carpeaux, um nome caro à esquerda brasileira, espalhou pelos jornais Brasil afora. Agora, Carvalho dá início à publicação de sua *Biblioteca de Filosofia*, uma espécie de versão alternativa de *Os Pensadores*, a célebre coleção trazida à luz no Brasil pela editora Abril e logo adotada, numa universidade majoritariamente monoglota, como seu quase solitário texto de referência.

A diferença é que a *Biblioteca...* de Carvalho é inaugurada com *As Seis Doenças do Espírito Contemporâneo* (editora Record/Instituto Brasileiro de Humanidades), do filósofo romeno Constantin Noica, e vai abrigar outros nomes que, pelas mais variadas razões, que vão do desconhecimento ao preconceito, jamais seriam estudados num curso regular de filosofia, como Eugen Rosenstock, Max Wundt e René Guénon. A provocação, como não poderia deixar de ser, fica por conta do próprio Carvalho: “Quero sair da lengalenga de sempre”.

Nesta entrevista concedida a *República*, fica claro que “lengalenga” não é, definitivamente, a praia de Olavo de Carvalho, um pensador capaz de desmontar com a mesma precisão e argúcia tanto a racionalia esquerdista como a suposta fatalidade do globalismo capitalista. Mas nem por isso um anódino anunciador do fim das ideologias, como os há por aí às pencas. Muito ao contrário, o centro de seu pensamento está antes na demarcação dos campos ideológicos, nas proposições distintivas e afirmativas das diferenças, na capacidade de separar o joio do trigo e, segundo o seu ponto de vista ao menos, colher o trigo.

E uma das boas sementes, para Carvalho, está na religião. Em qual? Em qualquer uma que possa apresentar uma teologia digna do nome, responde o autodenominado “ecumenista radical”. Todas têm, segundo ele, “um núcleo de verdade metafísica que é eterno, revelado”. Assim, na contracorrente do pensamento liberal – conservador segundo alguns –, Carvalho não vê como ameaça a expansão do islamismo no mundo e defende o direito de o Estado professar uma religião. Para ele, os Estados Unidos, o maior exemplo de Estado leigo moderno, criaram uma forma particular de terror psicológico em nome do politicamente correto e dos direitos humanos.

O debate sobre os direitos humanos, diga-se, acaba por introduzir uma espécie de ruído em seu pensamento, mas nem por isso ele deixa de se lançar no centro da fogueira. Ele diz, por exemplo, que os americanos fomentam as privatizações no Brasil, destroem o Estado nacional e solapam a sua legitimidade

com sua suposta política de direitos civis, de proteção às minorias, de combate ao trabalho escravo e de incentivo às ONGs. É evidente que esquerda e direita podem pinçar nesse juízo elementos para dizer que Olavo de Carvalho se alinha necessariamente no campo do inimigo.

Ele, por sua vez, rejeita o papel de líder do que quer que seja: “Eu defendo uma idéia não porque ela seja de direita ou de esquerda, mas porque parece coincidir com a realidade no momento. Eu não tenho nenhuma pretensão de chefiar movimento, de orientar política. Se o Brasil quiser um ideólogo, que vá procurar outro”. Carvalho pretende apenas continuar a escrever seus livros, que já passam de uma dezena, nos quais passeia do cinema à filosofia pura. Entre eles contam-se títulos atraentes e de interesse geral, como o best seller *O Imbecil Coletivo – Atualidades Inculatrais Brasileiras e Símbolos e Mitos no Filme O Silêncio dos Inocentes*. Seu cardápio inclui, no entanto, algumas propostas menos amistosas ao não-especialista, como *Uma Filosofia Aristotélica da Cultura – Introdução à Teoria dos Quatro Discursos, Os Gêneros Literários: Seus Fundamentos Metafísicos* ou ainda *Como Vencer um Debate sem Precisar Ter Razão – Comentários à Dialética Erística de Arthur Schopenhauer*.

Definitivamente fora da universidade, ensaísta da revista BRAVO! e colaborador de vários órgãos de imprensa, inclusive desta *República*, Carvalho – que alguns querem uma espécie de bes-

“Dizer que o nazismo é de direita faz-me rir! Como pode ser de direita uma ideologia que é darwiniana?”

ta apocalíptica na nova direita, vive uma vida modesta, com as dificuldades para fechar a conta do mês de qualquer trabalhador mediano do Brasil: “Não reclamo, não saio por aí gritando que professor deveria ganhar mais. Levo a vida que escolhi, faço o que gosto. Não vejo por que deva responsabilizar os outros por minhas opções. Se eu quisesse ser rico, deveria ter escolhido outra profissão”. Finalmente, a uma pequena provocação de *República*, responde com outra: “Você tem consciência de que, ao apontar uma espécie de centro da conspiração mundial contra os interesses nacionais, aproxima-se bastante da esquerda?”. Ao que ele diz: “Não tenha a menor dúvida! A diferença é que eu não recebo um tostão da Fundação Rockefeller”. Eis o homem.

República: Nesta virada de século, que lugar a política ocupa na vida das pessoas?

Olavo de Carvalho: A coisa está indo numa direção já apontada por Carl Schmitt na década de 30. Ele dizia que a política iria desaparecer e seria substituída pela polícia – duas palavras com etimologia comum. Schmitt dizia que um confronto se torna político quando não pode ser arbitrado por meios racionais, então se parte ou para a contagem do número de adeptos ou para a guerra. Ele dizia que, a partir da fundação da Sociedade das Nações – a antecessora da ONU –, a parte divergente passaria a ser tratada como criminosa. É o que acontece hoje. Não é mais como foi durante boa parte da história europeia, em que os Estados beligerantes se reconheciam como soberanos. Já não se trata de política – confronto entre iguais –, mas de polícia – confronto entre a ordem legal e o criminoso.

Em que medida a chamada globalização facilita que se estabeleça esse quadro?

Bom, eu não acredito que a economia determine o rumo da história. Na maior parte das vezes, ela é um instrumento ou, às vezes, um pretexto. O que está em jogo não é uma questão econômica, mas o poder político. As grandes forças hoje estão pouco se ligando para dinheiro ou lucro. O que há é um esforço para a conquista do poder político em escala mundial, que permita a substituição definitiva da política pela polícia.

Na visão de Carl Schmitt, o adversário é sempre um inimigo. No entanto, ao longo do século 20, evoluiu-se para um tipo de política em que o adversário pode vir a ser abrigado no *status quo* do vencedor.

Só se pode falar de uma política consensual quando esse consenso se limita a aspectos formais mínimos, à regra do jogo. Mas hoje o consenso já não abarca somente isso, mas também valores explícitos, códigos de conduta. Vai muito além da regra do jogo: determina o resultado. Por exemplo, quando se cria uma doutrina mundial de direitos humanos com base naqueles conceitos abstratos da Revolução Francesa – todos os seres humanos são absolutamente iguais, etc., etc. – e se implantera isso em escala mundial, sem ter em vista as diferenças culturais, religiosas, etc., já não se está mais apenas determinando uma regra, mas todo o resultado. Outro exemplo: hoje, é tido como um absurdo a existência de um Estado islâmico com religião oficial. Não se reconhece mais que os Estados têm o direito de ter uma diferença cultural, mas, ao mesmo tempo, se concede esse direito aos grupos dentro do Estado. Isso é um *nonsense*. A primeira Constituição escrita da história foi aquela feita por Maomé para a cidade de Medina, que não impunha práticas islâmicas à minoria judaica. Nunca um Estado leigo moderno conseguiu assegurar a paz entre grupos diferentes. Acho que tanto os muçulmanos como os judeus estão certos de querer ter seus respectivos Estados religiosos, contanto que não persigam ou matem as minorias, é claro.

Mas o Brasil, um Estado leigo, não garante essa proteção? O Brasil não é um Estado leigo moderno. O Brasil é um Esta-

do ainda em formação. Porém, na estrutura real do esquema de poder, os valores cristãos sempre predominaram. Foi justamente em nome deles que o Brasil criou uma sociedade em que grupos divergentes podem viver sem ser perseguidos. O Estado leigo moderno se pretende superior a todos os Estados vinculados a religiões e alega a capacidade de harmonizar vários grupos, mas nunca fez isso. O exemplo mais característico são os Estados Unidos, onde se oprimem as pessoas, fiscaliza-se a vida particular e cria-se uma situação de terror psicológico em nome dos direitos humanos.

“**O que digo pode se parecer com o que a esquerda diz, só que não sou financiado pela Fundação Rockefeller”**

Mas a sociedade americana não vive melhor do que vivia antes do movimento pelos direitos civis?

Infinitamente pior. Isso aí piorou tudo, formidavelmente. É que o Brasil é um país extremamente mal informado. Nunca vi sair no Brasil um único artigo dos negros conservadores americanos, intelectuais de primeiríssimo plano, como Thomas Sowell, economista brilhante que já recebeu um Prêmio Pulitzer. Ele tem um livro em que demonstra que essa legislação dos direitos civis foi extremamente prejudicial aos negros, a começar do ponto de vista econômico. Quando se usa uma palavra qualquer – como *democracia, república, monarquia* –, tem-se por um lado a definição nominal, mas, por outro lado, esse termo corresponde a alguma realidade no mundo. O cérebro preguiçoso lida somente com definições nominais. Raciocinando assim, por exemplo, nós entendemos que a monarquia é o governo de um e a república, o governo de muitos. Portanto, acreditamos que a república, por definição, seria mais democrática, quando, na verdade, há mais democracias entre as monarquias do que entre as repúblicas. A definição nominal de direitos humanos é muito bonita, mas como isso se traduz na prática? Os direitos humanos são uma extensão medonha da legislação e, portanto, uma extensão da interferência do Estado na vida do cidadão, uma extensão do aparato jurídico, policial, administrativo, burocrático, etc., etc.

Algumas doutrinas na ilegalidade estão nessa condição por ser consideradas autoritárias, como o neonazismo...

Eu acho que a rejeição delas é puramente nominal. Por exemplo, essa aliança em vigor hoje entre o Estado e os grandes interesses multinacionais, isso é política fascista. Então, quanto mais o sujeito fala mal dos fascistas, mais ele pode praticar aquilo sem problema nenhum. O fascismo não é homogêneo. Dada sua característica de doutrina nacional, ele assume um perfil diferente em cada lugar. O nazi-fascismo é um conceito que não existe, foi inventado pelos comunistas quando desfizeram a aliança com Hitler para demonizá-lo. Fascismo é uma coisa, nazismo é outra. Nazismo é um fenômeno especificamente alemão. A coisa é ambígua. Agora, na Romênia, estive estudando as obras do economista Mihai Manoilescu, que foi ministro da Fazenda de governos fascistas. Ora, ele é o guru dos economistas brasileiros de esquerda, a começar por Celso Furtado. Quando se fala fascismo, está-se falando de uma política econômica estatizante, em que há uma aliança entre o Estado e certas grandes empresas. Por aí se vê como é muito difícil raciocinar em termos de estereótipos. Dizer que nazismo é de direita faz-me rir! Como pode ser de direita uma ideologia que propõe uma sociedade darwiniana? Isso é revolucionário. Poucos esquerdistas ousaram propor algo tão subversivo. Toda ideologia revolucionária, seja nazista ou comunista, é monstruosa, porque revolução, por trás das belas palavras, consiste sempre em matar pessoas.

Mas então qual é a sua definição de esquerda e direita?
É muito difícil definir porque a esquerda muda de ideologia continuamente: aquilo que é de esquerda numa geração é chamado de direita pela própria esquerda na geração seguinte. Só vejo uma maneira de definir: o esquerdista é o sujeito que propõe um ideal de futuro e, em nome dele, justifica suas ações no presente. O direitista é aquele que se legitima em função de coisas já realizadas no passado. Ou seja, há a idéia de conservação e a idéia de mudança, e as duas podem ser progressistas à sua maneira.

Essa nova ordem mundial, globalizante, é de direita ou de esquerda?

A característica dela é conseguir usar essas duas forças. Quando se fala em nova ordem mundial, a ênfase cai no “mundial”. Isso é que interessa. Mesmo que seja velha e que esteja na desordem, será mundial. Vamos substituir esse termo por “poder mundial”. Como é que o poder mundial se afirma? Vai usar a velhíssima estratégia que é descrita por Bertrand de Jouvenel no livro *Du Pouvoir*, o mais impressionante de filosofia política do século 20: um poder maior derruba os poderes intermediários com a ajuda dos pequenos. Então, o poder globalizante tenta destruir os Estados nacionais prometendo ajuda à arraia-miúda, às populações pobres, aos marginalizados. Ora, como é que vai fazer isso? Por duas vias: tem a da direita, ou liberal, e tem a da esquerda...

Ou tinha.

Não, tem ainda. Por exemplo, os Estados Unidos fomentam as privatizações no Brasil, com o que destroem o suporte eco-

nômico do Estado, mas também fomentam a política de direitos civis, a proteção às minorias, o combate ao suposto trabalho escravo, as ONGs... Ou seja, todo o ideário da esquerda também é financiado pelos Estados Unidos. Metade da nossa esquerda é financiada pela Fundação Ford, Fundação Rockefeller, Guggenheim... Por que será que fazem isso?

Não poderia haver um interesse genuíno dessas fundações em promover uma melhoria nos países pobres?

As duas coisas são genuínas. É isso que a gente não pode esquecer. Sempre estamos tão comprometidos com o vocabulário viciado que nós acreditamos que, se um sujeito é neoliberal e quer privatizar, quer fazê-lo só em interesse próprio. Não é. O FMI também quer nosso progresso econômico.

Certo, mas há efetivamente trabalho infantil no Brasil, e isso parece ser uma coisa bastante ruim...

Não, não é uma coisa ruim. Eu comecei a trabalhar aos 14 anos e aprendi mais do que em qualquer escola!

“**B** se meus atos forem decisivos para o meu destino post mortem? Quem não se pergunta isso nem gente é”

Mas há crianças sendo mutiladas. Elas deveriam estar na escola.

Se há uma escola lá e as famílias têm meios de mandar seus filhos, elas vão mandar! Se mandam para o trabalho, ou é porque não têm opção ou é porque acharam que o trabalho é melhor que o estudo: no primeiro caso, o Estado não tem o direito de obrigar as pessoas ao impossível e, no segundo, não tem o direito de lhes impor valores.

Portanto, um programa de erradicação dessa mão-de-obra infantil...

Não! Não tem de haver programa de erradicação nenhum. Tem de simplesmente dar a escola e dar meios e deixar que as pessoas escolham...

Esses programas se baseiam justamente em oferecer escola e condições para que as famílias possam abrir mão do trabalho infantil.

Só que, antes de oferecer escola, já criminaliza o trabalho infantil. E aí é uma brutalidade. É a mesmíssima coisa que o Es-



"Sou um
professor.
Se quisesse
ser rico, seria
outra coisa"

tado faz quando vai desarmar as pessoas antes de lhes garantir uma política que possa protegê-las.

Existe um centro organizador do qual se irradiam essas determinações?

Mas é evidente que existe! Há cinco ou seis nações que mandam no mundo. Nos Estados Unidos, desde a década de 60, publicam-se trabalhos sobre quais são as modificações culturais necessárias para adaptar os países subdesenvolvidos a uma economia moderna. Essas nações começam a estudar essas modificações com 20, 30 ou 40 anos de antecedência.

Esse seu pensamento é muito parecido com o de parte da esquerda.

Não tenha a menor dúvida! Mas nenhuma fundação americana me paga para isso. As minhas idéias são experimentais: pode ser que a situação amanhã ou depois mude ou eu perceba que entendi errado. Agora, o ideólogo não pode mudar de idéia, porque senão acaba o partido.

Algumas vezes, você fala como quem acha que o mundo piorou e está piorando.

Piorou formidavelmente. Todos os cálculos que atestam progresso consideram que a vida melhorou para os vivos. Se computarmos todos – os que sobreviveram e as vítimas –, veremos que piorou muito. Primeiro: piorou do ponto de vista moral. Até o século 19, por exemplo, havia a noção de “campo de batalha”. Ou seja, não se atacavam os civis. O século 20 tornou a guerra total uma norma. Segundo: não se demonizava o adversário, o confronto era entre poderes soberanos legítimos. Terceiro: o fenômeno racista é uma fenômeno moderno, que surge com as ideologias darwinistas.

Mas e o ódio religioso que havia?

Mas é incrível, porque a imagem realmente é essa! Nenhuma religião jamais pensou em fazer contra os seus adversários o que os governos modernos fazem! Um inquisidor medieval, na pior das hipóteses, iria exigir que o judeu se convertesse. No nazismo, o judeu tinha alternativa de entrar para o Partido Nazista e ser poupado? Não! Ele era morto.

Como é que as pessoas poderiam articular formas de resistência a essa dominação que você aponta?

Primeiro: jamais raciocinar pelo valor nominal das palavras. Ou seja, tentar usar palavras baseando-se em definições obtidas do conjunto da realidade mesmo. Uma coisa é fazer uma abstração baseada em dados da realidade; outra é conceber, como na matemática, uma figura e raciocinar com base nela. Conceitos como democracia e ordem jurídica foram inventados exatamente como em matemática. São meras suposições, e as pessoas se matam em nome dessas hipóteses.

Observando o mundo como você está expondo, fica a pergunta: o que vai acontecer? Um governo global?

O poder global não apenas vai existir, ele já existe. Na ONU discute-se seriamente a possibilidade da eleição direta dos representantes. Ou seja, os membros da assembleia já não seriam representantes dos Estados, mas dos povos. Então, para que os Estados? A idéia é fazer das nações, dos Estados, vários entrepostos. Pode ser até que, do ponto de vista econômico, isso seja bom. Mas, do ponto de vista psicológico, cultural, será que vale a pena a gente vender tudo que a gente tem só para ficar um pouquinho mais rico? Minha objeção à nova ordem mundial seria mais de ordem moral. Nos Estados Unidos, que já perderam sua própria identidade, vive-se um conflito entre o império e a nação. Há uma nação, que foi fundada na revolução americana, com valores bastante explícitos, e, por outro lado, há a dinâmica imperial, expansiva, que não tem nada a ver com aque-

(continua na pág. 96)

OLAVO DE CARVALHO

(continuação da pág. 66) la nação! A classe política americana já era imperialista desde o berço, mas isso só foi aparecendo aos poucos. Influenciada pelos *philosophes* do século 18, ela queria fazer um modelo político para ser exportado para o mundo. Quer dizer, cria-se um governo baseado em princípios que são iguais para todos os homens; em seguida, considera-se que quem não concorda com esses princípios não é gente.

Você poderia indicar algumas manifestações de resistência contra essa pasteurização de identidades?

Primeiro, vamos definir qual é a essência desse processo todo. A essência do mundo moderno é o seu ódio à religião. O projeto da modernidade é fechar o homem na vida terrestre e dizer: “Não aspire a mais nada, você é apenas um bichinho, e é aqui o seu limite – não pode olhar para cima”. Aos poucos, essa tendência se torna bastante clara, sobretudo nos Estados Unidos. Eles oferecem asilo ao sujeito que é perseguido na China por ser gay, mas negam às mães que não querem abortar. É uma atitude francamente anticristã. Não é mais o Estado leigo, é o Estado anticristão. O direito de o sujeito ter um prazer sexual começa a ficar mais importante do que o próprio direito à vida. Se os caras construirmos essa nova ordem mundial, pode ter certeza: eles ganham, mas não levam. A destruição disso virá pelo lado espiritual, evidentemente. Então, sinais auspiciosos, para mim, seriam aqueles que desmentem isso, que mostram que a aspiração do homem é uma coisa maior, de ordem espiritual. Esses sinais estão em toda a parte.

Você poderia dar exemplos?

Não se vê o povo brasileiro se tornar irreligioso. Pode até mudar de religião, mas não se desinteressa disso. Com a entrada das igrejas evangélicas, parece que as pessoas se interessam até mais por religião. Outro sinal: a expansão tremenda do islã no mundo. É a religião que mais cresce.

Qual a sua religião?

Eu sou ecumenista radical: católico-protestante-islâmico-judaico-budista-hinduista. Eu acredito que essas religiões têm todas um núcleo de verdade metafísica que é eterno, revelado, que o ser humano não poderia ter inventado. Acredito que não se inventam religiões e que elas não vão poder se dissipar. Mesmo que a Igreja Católica quebre toda essa estrutura – aliás, já deveria ter quebrado há muito tempo –, ela não termina. Creio piamente que ela será salva pelos leigos.

Você falou que não imagina o homem sem pensar em uma coisa maior. Essa coisa tem de necessariamente ser religiosa?

Religião – judaísmo, cristianismo, isla-

O presidente da Ford ou da Mitsubishi tem hoje mais poder do que tinha Luís 14

mismo – é uma das maneiras de expressar isso. Mas não tem de ser religioso nesse sentido, pode ser uma aspiração espiritual legítima. E, se for legítima, não desmentirá em nada o legado daquelas tradições.

O sr. não vê a possibilidade de essa coisa maior ser a humanidade, o bem comum...

Não. A humanidade, o bem comum, isso é a pseudo-religião do Estado moderno. Isso é Augusto Comte, a religião da Revolução Francesa. Antonio Gramsci também queria fazer isso. Ele dizia que Rosa de Luxemburgo está mais alta no panteão espiritual do que São Francisco de Assis.

Como o sr. vê a expansão do movi-

mento carismático na Igreja Católica?

A situação da Igreja Católica é desesperadora. Já está mais do que na cara que o Concílio Vaticano Segundo foi um suicídio. Destruiu tudo. Mexeu no que não era para mexer e não mexeu no que era para mexer. Por exemplo, essa palhaçada do celibato clerical. A Igreja hoje defende o acidental ao passo que já entregou o essencial. Por exemplo, quando diz: “Vamos ter um diálogo com os marxistas”. Eu digo: “Não tem diálogo com Satanás!”. O marxismo é uma ideologia demoníaca. O comunismo faz do ódio a determinadas pessoas a suprema virtude. O ódio ao explorador se torna predominante em relação à piedade pelo explorado. O sujeito que acreditou nisso está lesado! Eu acreditei nisso entre os 18 e os 20 anos. O mal que me fez... Até hoje tenho de fazer uma espécie de psicanálise para tirar os resíduos desse profundo engano.

O sr. foi militante de alguma tendência organizada?

Fui do Partidão (Partido Comunista Brasileiro) e fui cooptado pelo pessoal do Marighella. Mas, quando começou esse negócio de guerrilha, eu já estava fora havia um ano, uma coisa assim. Isso foi em 1965, 1966, por aí. Mas eu me contaminei profundamente. Eu me impregnai de marxismo. Eu não tinha a menor condição de julgar aquilo! Passei depois 30 anos para apagar essa porcaria. Até hoje não apagou.

Que resquícios sobraram desse militante esquerdisto?

Uma certa tendência de demonizar a direita. Até anos atrás, eu não lia um livro de um sujeito que se dizia fascista. Graças a esse preconceito, só depois dos 40 anos, li Ezra Pound, Donoso Cortés, Joseph de Maistre e vi que não eram monstros.

O sr. não acha que demoniza a esquerda hoje?

Quem inventou a demonização do adversário foi o marxismo, por pura auto-projeção. A esquerda em geral não é satânica, mais o marxismo é.

Mas, se o sr. diz que o marxismo é sa-

tânico, está demonizando...

Mas isso não é uma figura de expressão, é uma verdade literal. Leia o livro de Richard Wurmbrand, *Marx and Satan*, e descobrirá que Marx nunca foi materialista, mas um devoto adepto de seitas satanistas, além de espião a serviço do governo austriaco. Um canalha em toda a linha. Tudo no marxismo é engodo e fraude. Morro de vergonha de ter acreditado nesse lixo. **O que quer dizer com "demoníaco"?** O demoníaco é o que proíbe o homem de pensar além da perspectiva terrestre e de julgar o que se passa no mundo em função de uma perspectiva maior. Não deixa fazer a pergunta: "E se houver uma vida após a morte? E se meus atos aqui forem decisivos para o meu destino *post mortem*?". É quando se fazem essas perguntas que se começa a dar um sentido eterno à vida. Se a pessoa não fizer isso, não é nem gente. **Os vários materialismos não marxistas – e os há aos montes – também são satânicos?**

Mas isso era a esquerda antes do marxismo, a que fez a Revolução Francesa. As raízes desse satanismo já estão lá, mas a palavra *esquerda* é ambígua e abrange muitas coisas boas também. **Um banqueiro que vai à missa, reza, e, na sua prática cotidiana, em nenhum momento age como quem acredita na vida eterna...**

Se me apresentarem um único banqueiro que seja assim, eu talvez concorde. Seria um tipo execrável. Porem, mesmo que esse tipo existisse, muito mais execrável é o sujeito que reivindica o poder político. O homem que quer poder político quer a legitimidade do homicídio, o monopólio estatal da força física.

Ele não pode querer esse poder para fazer o bem?

E o banqueiro não pode querer o dinheiro para fazer o bem? Faz parte do senso comum brasileiro hoje em dia que aquele que reivindica um poder político, alegando tais ou quais motivos superiores, é um tipo superior

àquele que reivindica dinheiro. Mas, na verdade, eles estão no mesmo nível, e até aquele que reivindica dinheiro é menos perigoso. A única coisa que um capitalista pode fazer contra outra pessoa é lhe recusar um benefício que ele poderia lhe dar. Mas o problema é que hoje há uma simbiose de poder político e poder econômico que o critério político acaba predominando. Quem é o autor dessa simbiose? A casta dos homens de dinheiro e a das homens de poder. Mas é uma terceira casta que é culpada de tudo: a dos homens inteligentes e de cultura. Foram eles que inventaram essa parceria toda de sociedades mais perfeitas, ideias abstratas.

"A idéia do sentido imanente da história é uma das mais tolas que há"

O sociólogo Manuel Castells fala que, hoje, se alguma utopia pode servir para refletir a realidade, é o anarquismo, ou seja, a atomização completa dos poderes. **O que o sr. pensa disso?**

Olha, se pegarmos a ideologia anarquista e retirarmos dela um fundo verdadeiramente demoníaco e mórbido, de ódio às religiões, podemos dizer que eu sou anarquista. É preciso muito menos autoridade neste mundo do que existe. Até mesmo no que se chama de iniciativa privada. O presidente da Ford ou da Mitsubishi tem mais poder do que Luís 14, poder sobre a vida das pessoas!

Na sua hierarquia de valores o que vem primeiro?

O destino eterno do homem. Essa é a única questão que interessa; o resto é tudo conversa mole! O que acontece depois? É uma ilusão achar que várias vidas de seres mortais podem encontrar um simulacro de eternidade num negócio chamado história, uma abstração inventada por acadêmicos. A idéia do sentido imanente da história é uma das idéias mais estúpidas que pode haver.

O lançamento da coleção Biblioteca de Filosofia, que você está organizando, tem a ver com este seu combate?

A coleção se inspira na idéia de sacudir um pouco a letargia mental dos nossos meios universitários, cujo cardápio de leituras é muito repetitivo: é sempre Nietzsche, Foucault, Derrida, Gramsci, aquela lengalenga. Escolhi então livros que fossem de primeira ordem, que tivessem exercido reconhecida influência nos meios filosóficos, mas que fossem ainda mal conhecidos – ou desconhecidos – do público mais geral, especialmente brasileiro. Jóias raras, em suma.

O primeiro livro foi *As Seis Doenças do Espírito Contemporâneo*, do romeno Constantin Noica. Por que não um autor mais conhecido?

Constantin Noica foi o guru de todos os escritores romenos que fizeram sucesso no exterior, enquanto ele próprio permaneceu na Romênia, em prisão domiciliar, desconhecido do mundo. Outro autor será Eugen Rosentock, que depois mudou o sobrenome para Rosenstock-Huessy em homenagem à esposa falecida. Ele escreveu um livro que Otto Maria Carpeaux qualificou de "a obra histórica mais profunda do nosso século".

Quem mais integra a coleção?

Vamos publicar até Max Wundt, grande filósofo obscurecido pela fama do pai, Wilhelm Wundt, fundador da psicologia experimental, e René Guénon, do qual Mircea Eliade dizia: "É o melhor de todos, mas não o cite jamais ante o público acadêmico". Mais tarde vamos publicar clássicos latinos e medievais que ninguém neste Brasil leu ainda.||

Whatever it takes: scholar remains firm in his unorthodox opinions

by *Gazeta do Povo*

Besides the interview, which touches on issues such as communism, media, and society in Brazil, *Gazeta do Povo* newspaper makes some remarks about Olavo de Carvalho's thought. According to them, the philosopher's work represents the defense of the capacity and autonomy of the individual consciousness in the face of the objective reality in which truth exists. They also note that De Carvalho sees in human values and traditions the key to the resolution of many of the contemporary problems we face, and that in his book *The Collective Imbecile* he provides a devastating critique against collectivistic, relativistic, and historicist ideologies that have plagued the Brazilian intellectual circles. Such critique has provoked a great deal of animosity against Olavo de Carvalho especially among those who were his targets.

Gazeta do Povo (Curitiba), June 20, 2004

The great conservative: scholar sees communist dominance in Brazil in the last thirty years

by *Gazeta do Povo*

In this reportage, *Gazeta do Povo* describes Olavo de Carvalho as one of the very few Brazilian scholars who define themselves as conservatives. The philosopher follows the lineage of Plato, Aristotle, and Thomas Aquinas, and is said to be a conservative in the sense of one who wants to conserve the values of civilization, rather than a conservative in the Brazilian meaning of the term: a person who wants to conserve his unjust privileges. The newspaper informs the reader that Olavo de Carvalho has just moved into Curitiba – where the headquarter of the publication is located – because most of his professional activities have increasingly taken place in that southern city – which included, among others, courses taught at the Catholic University of Paraná (PUC-PR), and lectures delivered at the Paraná Chamber of Commerce and at private companies. *Gazeta do Povo* also points out that Olavo de Carvalho has become one of the harshest critics of the Brazilian left. According to the thinker, in the last thirty years communism has been the only political force to build a strong foothold in Brazil.

Gazeta do Povo (Curitiba), January 25, 2004

FILOSOFIA ■ O POLÊMICO FILÓSOFO OLAVO DE CARVALHO SE MUDA PARA CURITIBA

O grande conservador

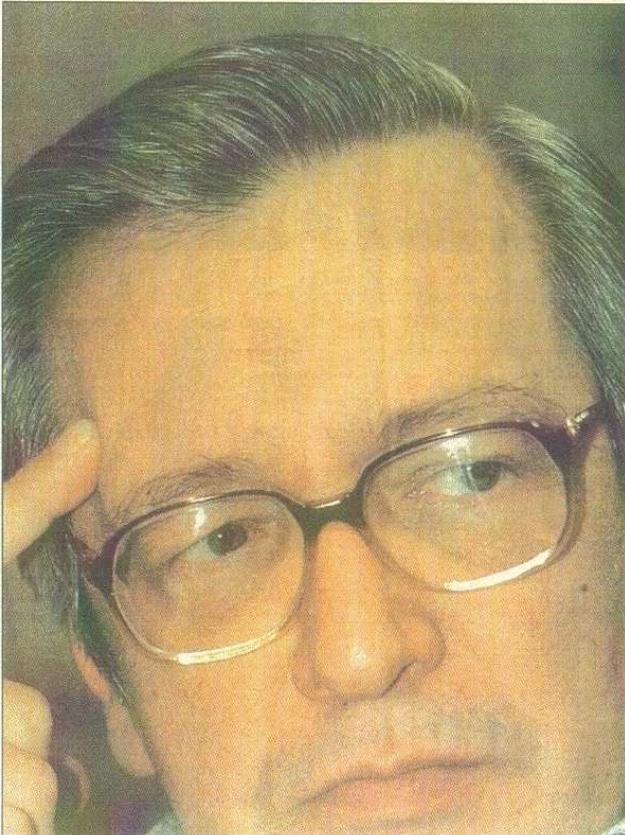
Intelectual vê domínio comunista no Brasil nos últimos 30 anos

O FILÓSOFO PAULISTA OLAVO DE CARVALHO se notabilizou nos últimos anos por ser uma das únicas vozes no universo intelectual brasileiro a se manifestar publicamente em favor do conservadorismo e do pensamento de direita. Mas para Carvalho, os termos "conservadorismo" e "direita" têm conceitos bastante diferentes do que reza o senso comum nacional: "No Brasil se pensa que conservadorismo é característica daqueles que querem conservar seus muitos e injustos privilégios. Eu sou conservador como foram conservadores Platão, Aristóteles e São Tomás de Aquino, que foram conservadores no sentido de se conservar valores civilizatórios".

Há menos de 15 dias Olavo de Carvalho se mudou para Curitiba, fixando residência no bairro das Mercês. Veio por uma questão prática. Estava passando mais da metade dos meses na capital, dedicando-se a ministrar cursos na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, na Associação Comercial do Paraná e nas empresas do empreiteiro Cecílio Rego Almeida. A empresários diversos e estudantes interessados em Filosofia, Olavo leciona sobre Ética, Teoria Política e Educação Liberal, entre outros tópicos.

Autodidata, Olavo de Carvalho se tornou um dos mais ferrenhos críticos (senão o único) do pensamento de esquerda no Brasil. Afirma que nos últimos 30 anos o comunismo foi a única força política que se consolidou no país.

Recuperando-se de uma hérpatite, Olavo de Carvalho recebeu a reportagem do Caderno G para uma entrevista. A



POLÍTICA CULTURAL

O que fazer com o Museu Oscar Niemeyer?

Artistas, pesquisadores e críticos opinam a respeito do aproveitamento do espaço

O ANO DE 2002 FOI UM PERÍODO EM QUE as vozes dos artistas plásticos da cidade reverberaram alto. Polêmicos mega investimentos, incertezas em relação a acervo e espaços, além do problema que parece estar se eternizando no Paraná: a indefinição de uma política cultural mais concreta, com resultados palpáveis. 2003 trouxe novo governo e outras formas de administrar a Cultura.

Dos meses se passaram e qual será a postura dos criadores diante da impressão de que pouco mudou? A situação do Museu Oscar Niemeyer (MON) continua sendo sintomática. Atualmente, estão em exposição no espaço obras de um dos maiores artistas paranaenses, Miguel Bakun, e de Victor Meirelles. No mais, acontecem atividades alheias à cultura. Para completar, uns poucos turistas se deliciam com a beleza e impactante arquitetura do lugar não é o que se espera do maior museu da América Latina.

Desse jeito, parece mais uma galeria de arte. Ainda que as dificuldades financeiras sejam compreendidas, não é possível que o silêncio – e as reuniões e visitas internas a grupos internacionais – continuem a ser tônica para quem trabalha no local.

Mas, será que a sociedade está mesmo interessada no futuro de seus espaços culturais? Este é o questionamento da artista plástica Carina Weidle, para quem o assunto não deve ser cobrado unicamente da categoria. "Fica parecendo reserva de mercado. A sociedade tem que querer um museu bacana e me parece que a nossa espera muito pouco de suas artes plásticas", desabafa. Ela tem se mantido alheia às discussões, também porque se

■ PRESENTE E FUTURO

Quatro exposições estão em cartaz no MON atualmente:

■ **Victor Meirelles – Um Artista do Império** é uma coleção do Patrimônio Histórico Nacional Brasileiro prevista para ser encerrada em 14 de março. Está em negociação a prorrogação da mostra até 30 de março. A intenção é aproveitar a volta às aulas para um trabalho educativo.

■ **Latas Segall – Expressionismo em Preto e Branco** é composta de 40 xilogravuras que permanecem no local até 2 de fevereiro.

■ **Floresta Atlântica** mostra fotografias das áreas de reserva da floresta no Paraná. Até 30 de março.

■ **Miguel Bakun** tem 135 obras do acervo do MON e de coleções particulares. Fica aberta até 30 de março. De julho a agosto está acenada a Mostra do Açoívo do Museu de Belas Artes de Paris, com tapeçarias do Petit Palais, dos séculos 15 ao 18.

■ **Trama da Arte Brasileira**, com arte contemporânea brasileira, de instalações a pinturas. Data a definir.

5 mil pessoas.
em média, deverão visitar as quatro exposições abertas, até 15 de janeiro.
R\$ 4 e R\$ 2
custarão os ingressos.

Visitas a todos os expositores são gratuitas.

Gazeta do Povo - Como se deu sua formação de filósofo?

- Não tenho os graus formais acadêmicos, e Deus me livre de tê-los à maneira que são concedidos no Brasil. Meu primeiro interesse foi pelo estudo de religiões comparadas, e naquele tempo não existia – até hoje não existe – alguém que entendesse daquilo no Brasil. Então me dirigi a estudiosos estrangeiros, através de cartas. Eu escrevia para eles e eles me respondiam dizendo o que eu deveria ler, de que forma deveria estudar. Depois, derivei para a filosofia, afinal, a raiz religiosa é óbvia na filosofia. Me formei filósofo graças à ajuda desses estudiosos com quem, mais tarde, pude me encontrar na Europa.

- Como foi o período em que o senhor foi militante do Partido Comunista?

- No partiu eu encontrei o Nabor Cárles de Brito, que chamávamos de "Capitão". Fiquei fascinado por ele. Passei três anos no partido. Mas pela atmosfera parece que, mesmo depois que você sai, você continua por muito tempo ainda. Hoje vejo que o Prestes (Luís Carlos, um dos líderes do PC nos anos 60) tinha razão. A turma do (Carlos) Marighella pregava a guerrilha, enquanto o Prestes dizia que a politização deveria ser feita lentamente, aos poucos. Foi a época em que começaram a ler Gramsci, que até hoje domina o país. Aquelas anos foram uma confusão para mim. Surgiram muitas perguntas que respostas, e a guerrilha começou a parecer uma coisa psíquica.

- O senhor é editor do site *Mídia Sem Máscara*, que se dedica a fazer uma cobertura jornalística diferente da mídia nacional. O senhor poderia explicar melhor o que é o site?

- O comunismo teve os últimos 30 anos para tomar postos no Brasil. Foi a única força política que se consolidou no país. Então só o que nós vemos é comunismo. Somos como o peixe que só sabe o que é a água porque só tem água ao seu redor. O fenômeno gramsciano é mundial, mas em nenhum lugar ele foi implantado com tanto



Olavo de Carvalho: "O Brasil tem o intelectual mais desonesto e corrupto do mundo".

RECORTE

"*No Brasil se pensa que conservadorismo é característica daqueles que querem conservar seus muitos e injustos privilégios. Ou seja: é a esquerda ou nada. Alternativa política não há nenhuma. É impossível fazer oposição ao governo do PT. Existe uma espécie de companheirismo informal na mídia.*"

Sou conservador, como foram conservadores Platão, Aristóteles e São Tomás de Aquino, que foram conservadores no sentido de se conservar valores civilizatórios.

OLAVO DE CARVALHO,
filósofo

PRINCIPAIS OBRAS

- *A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci.*
- *O Imbecil Coletivo: Atualidades In culturais Brasileiras.*
- *O Imbecil Coletivo 2.*
- *O Jardim das Aflições.*
- *Aristóteles em Nova Perspectiva.*

sucesso como no Brasil. Comecei a reparar que ninguém sabia, por exemplo, do morticínio de dois milhões de cristãos no Sudão. Então percebi: estamos sob censura. Censura essa feita pela própria classe jornalística. No Brasil se pensa que conservadorismo é característica daqueles que querem conservar seus muitos e injustos privilégios. Ou seja: é a esquerda ou nada. Alternativa política não há nenhuma. É impossível fazer oposição ao governo

do PT. Existe uma espécie de companheirismo informal na mídia. Todos os jornais foram tomados por essa gente e o anticomunismo é praticamente proibido.

- O senhor se considera um filósofo de direita?

- Sou conservador, como foram conservadores Platão, Aristóteles e São Tomás de Aquino, que foram conservadores no sentido de se conservar valores civilizatórios. A esquerda esconde os bons autores da

verdade ser prioridade", defende. Em 2002, foi cogitada a possibilidade de o espaço do Museu de Arte Contemporânea (MAC) ser agregado à Embap, e seu acervo unificado a outra instituição.

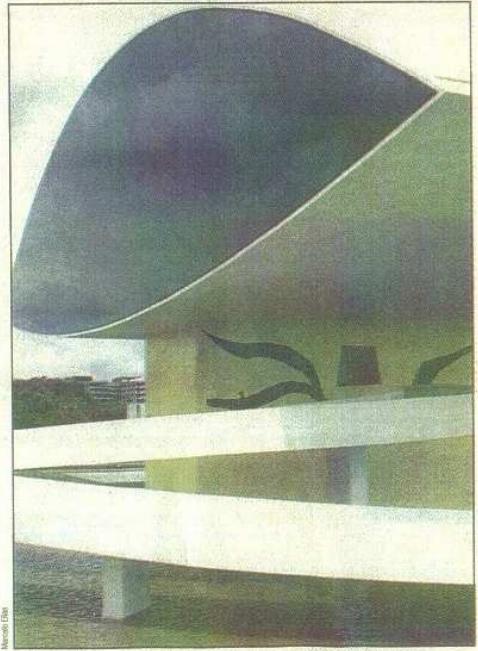
Com os administradores públicos, ela assume uma postura ponderada. "O estado não tem dinheiro e verbas não brotam. O MON é maravilhoso, mas foi deixado pela metade. A postura do atual governo me parece mais ética", diz. Quando se constrói algo tão grande, prossegue, alguma unidade tem que ser desativada. "Não adianta só acumular sem ter condições de manter", pontua.

A pesquisadora Daniela Vincenzi bate na ausência de um projeto artístico para o MON, o que seria resolvido com a separação da diretoria administrativa e da artística. "O diretor artístico, ou seja, o curador, seria uma pessoa com formação na área e daria um perfil de atuação para o museu."

"Verbas escassas não são justificativa, pode-se fazer muito lá com pouco dinheiro. Sequer se sabe que tipo de museu é. Isso, definitivamente, não depende de recurso", opina, defendendo a urgência de pensar o local. Ele sugere a instalação de um centro cultural, com espaço para outras áreas artísticas, como música, literatura e teatro.

Sobre o que os artistas poderiam fazer, Bini avalia que, desde que as questões econômicas chegaram às culturais, criando novos elementos na relação entre criar e mostrar a criação, o artista não soube reivindicar seu espaço. "Isso começou a ser retomado no final do governo anterior, quando eles chamaram para si, novamente, a responsabilidade de participar das decisões. É natural que haja resistências. Afinal, administradores de museus e críticos de arte são mais chamados para discutir questões pertinentes que os artistas", pondera.

• ANDRÉA PERIN



• DA REDAÇÃO

Back to Aristotle

by Fernanda D'Oliveira

Fernando d'Oliveira writes a critical review of Olavo de Carvalho's book on Aristotle for the newspaper *Diário de Pernambuco*.

Diário de Pernambuco (Recife), March 5, 1997

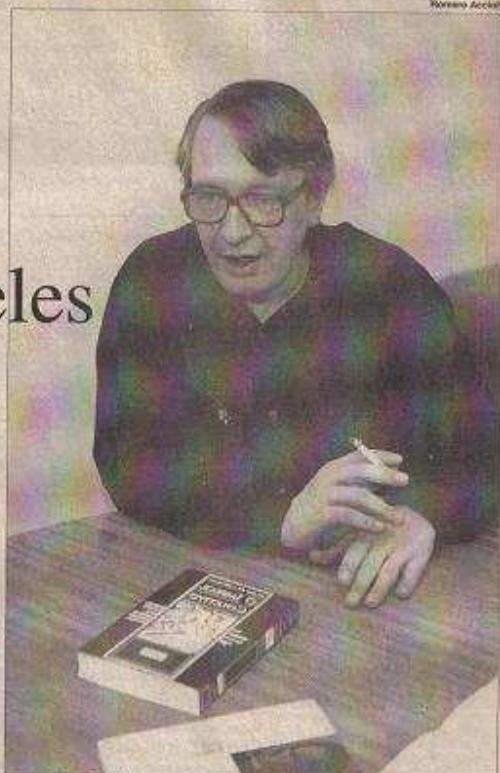
De volta a Aristóteles

Fernanda d'Oliveira

O lançamento de dois livros - *O Imbecil Coletivo e Aristóteles em Nova Perspectiva* - traz ao Recife o jornalista e escritor paulista Olavo de Carvalho, residente no Rio de Janeiro há seis anos. O primeiro título foi assunto de palestra, durante o lançamento, na Quinta do Livro, na última segunda-feira. *Já Aristóteles em Nova Perspectiva* é tema de um seminário promovido pelo Departamento e Mestrado de Filosofia, da Universidade Federal de Pernambuco, que acontece até sexta-feira, no período da tarde, no 15º andar do Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

"Neste seminário, onde participei como professor convidado da UFPE, dou uma nova interpretação, ou melhor, faço uma reinterpretação da filosofia de Aristóteles que, no Brasil, é muito pouco estudado", aponta Carvalho, que é diretor do Seminário de Filosofia da Faculdade da Cidade e diretor da editora desta faculdade, no Rio de Janeiro. Com 28 anos de jornalismo, ele já trabalhou no jornal *A Tardé*, de São Paulo, e possui dois trabalhos de filosofia premiados pelos governos da Espanha e da Arábia Saudita.

Seminário - Aberto à comunidade intelectual, professores e alunos da UFPE e de outras universidades, o seminário é explicado pelo pró-



Segundo Olavo de Carvalho, o filósofo Aristóteles é pouco estudado no Brasil

pró autor. "Partindo de uma sugestão encontrada em Avicena e em Santo Tomás de Aquino, argumento que a Lógica e a Dialetica de Aristóteles só podem ser compreendidas se formadas como um prolongamento e aprofundamento de princípios colocados na Poética e na Retórica, com as quais formam a unidade de uma teoria geral do discurso".

Segundo Olavo de Carvalho, esta

teoria, que Aristóteles não chegou a explicitar, está subentendida na mesma estrutura do método científico do Estagirita e é a chave para a compreensão da unidade profunda da sua filosofia, que se revela uma fonte rica de sugestões para a busca contemporânea do saber interdisciplinar. "Acredito que o pensamento brasileiro mostra-se capaz de participar da busca mundial de um novo paradigma científico na condição de portador de uma contribuição original e importante", revela o autor, que tem em seu currículo obras como *A Nova Era e a Revolução Cultural, Símbolos e Mitos no Filme "O Silêncio dos Inocentes"* e *Uma Filosofia Aristotélica da Cultura*, entre outros títulos.

ALEMÃO
MATRÍCULAS ABERTAS CREDENCIADO
CENTRO CULTURAL BRASIL-ALEMANHA
Rua do Sossego, 364 - FONE: 421.2173

The leftist intelligentsia and the neoliberal New Order

By Angelo Monteiro

In this interview, Olavo de Carvalho argues that in the post-Cold War world the triumph of capitalism goes along with increased control of the private lives of the individuals, restricting their freedom to act and even to think.

Diário de Pernambuco (Recife), March 8, 1997

A inteligência esquerdistas e a Nova Ordem neoliberal

Entrevista a Ângelo Monteiro

*Olavo de Carvalho critica a linguagem de nossos filósofos - "Descontadas as honrosas exceções, é um cirquinho miserável". Nesta entrevista ao poeta Ângelo Monteiro, o autor de *O Imbecil Coletivo* faz restrições à língua filosófica dos pensadores - germanizada, afrancesada, anglicizada - não se reconhecendo em seus textos o idioma de Machado de Assis". Durante sua estada no Recife, Olavo de Carvalho fez conferência no CFCH da Universidade Federal e lançou o seu livro na "Quinta do Livro", na última segunda-feira.*

A. Monteiro - Como o filósofo Olavo de Carvalho vê o quadro atual da filosofia no Brasil?

Olavo de Carvalho - Em primeiro lugar, como imitação caipira e pedantesca do que existe de mais vulgar na filosofia acadêmica europeia e norte-americana, engolido sem nenhuma seleção crítica. A escravidão mental brasileira reflete-se na linguagem em que escrevem os nossos filosofantes universitários: um português germanizado, afrancesado ou anglicizado, todo cheio de tiques e trejeitos, no qual não se reconhece nem o idioma de Machado de Assis nem o do seu Zé da esquina, que para mim são as duas autoridades máximas em questões de estilo. Quem só pode filosofar na língua do vizinho, é que pensa com a cabeça do vizinho. E como transplante de cabeça não existe, fica evidente que o sujeito que fala assim não está realmente pensando, mas apenas mimetizando, macaqueando o que no fundo não entende. Em segundo lugar, é uma filosofia na qual as considerações burocráticas,funcionais, carreirísticas e corporativísticas - para não falar do faciosismo político disfarçado ou ostensivo - predominam amplamente sobre a vida interior, a meditação profunda ou mesmo o estudo puro e simples. Descontadas as honrosas e infalíveis exceções, é um cirquinho miserável.

A.M. - Devemos celebrar a morte das ideologias em nome da filosofia? Ou essa morte implicará uma ausência de posições definidas no campo da pragmática poética e social?

O.C. - Não creio que as duas grandes ideologias tenham morrido: elas se casaram e estão gerando um filho monstro: o Estado que é liberal-capitalista em economia e socialista em tudo o mais. Os neoliberais estão muito enga-

nados em achar que a liberdade econômica traz consigo as outras liberdades. Na verdade, a antiga *intelligentsia* esquerdistas conquistou posições importantes na Nova Ordem e pressiona em favor de novas legislações que produzem fatalmente uma intervenção cada vez maior do Estado na vida privada dos cidadãos, diminuindo a liberdade de agir e até a liberdade de pensar. Tendo desistido de implantar a economia socialista, estão criando o socialismo da psique, o qual, lisonjeando as massas com a promessa de novos direitos sociais, na verdade cria mais delegacias, mais tribunais, mais fiscalização, mais burocracia, mais opressão. Os capitalistas ficam satisfeitos, porque o Estado não se mete na vida deles. Os intelectuais de esquerda também ficam contentes, porque o Estado atende a todas as suas reivindicações e os trata a pão-de-ló. O homem do povo é que fica expremido, porque é cada vez maior a carga de leis que o opprime e complica sua vida. Se a esquerda intelectual continua reclamando, suas lágrimas são de crocodilo: nem nos regimes comunistas ela tem o poder e o prestígio que tem hoje nos Estados Unidos, na Inglaterra ou na Alemanha. E quanto mais o Brasil se integrar na chamada Nova Ordem, mais a intelectualidade brasileira vai adquirir poder, e mais vai choramingar para fingir que não tem nenhum.

A.M. - A filosofia pode possibilitar ainda caminhos para um reencontro do homem consigo mesmo?

O.C. - Pode, mas há dois problemas: de um lado, o esforço filosófico é desfeito demais para o homem das ruas, o trabalhador, o cidadão comum. Só um gênio assombroso - um gênio da força de vontade - seria capaz de passar oito horas por dia trabalhando num banco e depois ir examinar a fundo a



Olavo
de
Carvalho

Metafísica de Aristóteles.

Trágicamente, o tempo livre, na sociedade tecnológica, diminui em vez de aumentar. Isto cria toda uma cultura da pressa, que é a cultura da dispersão e da neurastenia, e as pessoas acabam ficando sem a mínima condição de filosofar. De outro lado, a filosofia como profissão universitária tende cada vez mais a se adaptar a essa cultura, em vez de lhe oferecer alternativas criadoras. Por essas razões, a filosofia conserva, no fundo, seu potencial libertador, mas as condições de realizá-lo se elatizam a cada dia, por obra e graça, em parte, daqueles mesmos intelectuais que vocifaram contra o elitismo para que ninguém perceba que a elite são eles.

A.M. - Você acredita numa filosofia perene, perpassando, através das épocas, as mais diversas e até as mais desencontradas filosofias?

O.C. - Acredito, de certo, mas tudo o que é perene não pode se manifestar plenamente nas formas do tempo. As obras do tempo, da história, indicam ou simbolizam a eternidade, mas certamente não podem realizá-la. Por isso, a filosofia perene, tal como a entendo, não pode ser bem expressa na forma de uma doutrina acabada. Como tudo o que é vivo, ela assume formas diversas e aparentemente opostas (encontro-a, por exemplo, em Schelling e São Tomás). A verdadeira filosofia perene é a profunda vocação do homem para

a busca da unidade; tentar cristalizar esta vocação numa doutrina que tornasse dispensável a busca seria autocentrado. O importante é, como se diz, não deixar a bola cair, a partir de novo em busca da unidade cada vez que ela desapareça dos nossos olhos, velada pela confusão do mundo e pelas controvérsias dos doutores.

A.M. - No seu modo de ver, qual a perspectiva para as grandes religiões tradicionais no próximo milênio?

O.C. - Outras aprendem a se amar uns às outras, a se compreender e a maravilhar-se na unidade da sua diversidade, ou então o Estado vai reduzi-las a reliquias sem serventia. Fico muito feliz quando vejo o Papa João Paulo II - o homem mais assombroso deste século - dirigir-se aos muçulmanos e budistas como a irmãos. Um sujeito que, no Brasil, tem feito o melhor possível para a fraternidade inter-religiosa é o rabino Sobel, em São Paulo. Uma cena que me comoveu muito foi quando, na mesquita de São Paulo, o sheikh, um egípcio, vendo entrar uma moça com um crucifixo no pescoço, a elogiou muito por ser cristã num mundo materialista. Mais ou menos como disse o filósofo italiano Enzo Paci, ou nos entendemos por trás de nossas diferenças, ou a burocraquia que domina o planeta vai usá-las como uma grelha para nos assar vivos.

Brazilian people is heavily conservative

by Laura Capriglione

In an interview granted to the newspaper *Folha de São Paulo*, Olavo de Carvalho talks about the Brazilian people's ingrained conservatism as opposed to Brazilian intellectuals' leftist ideas.

Folha de São Paulo (S. Paulo), February 15, 2006

DIREITA, VOLVER! Para o filósofo Olavo de Carvalho, é hora de criar uma alternativa partidária realmente conservadora no pa-

‘O povo brasileiro é maciçamente de direita

Laura Capriglione
DA REPORTAGEM LOCAL

Talvez a obra mais conhecida do filósofo Olavo de Carvalho, 58, seja a edição do site Mídia sem Máscara (www.midiasemmascara.org), há anos na rede para denunciar o que chama de “viés esquerdistas da grande mídia brasileira”.

Carvalho hoje escreve no “Diário do Comércio”, órgão da Associação Comercial de São Paulo. Escreve à distância. Desde maio de 2005, mora em Richmond, a duas horas de Washington. É na capital americana que, duas vezes por semana, garimpa material para o livro “A Mente Revolucionária”, em que pretende dissecar o pensamento moderno de esquerda. “Um grupo de empresários do Paraná me deu uma verba para eu terminar o livro”, explica.

★
Folha - O que aconteceu com a esquerda no Brasil?

Olavo de Carvalho - Para começar, eles criaram esse mito de que são santos, de que têm o monopólio da bondade humana. De repente, o Brasil inteiro vê que não é nada disso. É uma decepção tremenda, mas era óbvio que isso ia acontecer. Você não pode colocar um sujeito que é inteiramente analfabeto na Presidência, burro desse jeito, sem critério. Ele não sabe a diferença entre certo e errado, entre bem e mal, então é claro que ia ser essa semi-vergonhice.

Folha - A alternativa, então...
Carvalho - O PSDB é que não é. O PSDB é um partido da Internacional Socialista que está comprometido com o globalismo de esquerda, com todos esses valores

politicamente corretos. É a direita da esquerda. No Brasil, infelizmente, a política ficou reduzida a isso: uma luta entre a esquerda da esquerda e a direita da esquerda. Quem é conservador mesmo não se deixa enganar por PSDB.

Folha - Não há ninguém no PSDB que sirva?

Carvalho - Veja o Geraldo Alckmin. Ele aprovou uma lei que multa o rabino que ouse expulsar de sua sinagoga uma drag queen. Mesmo que ele tenha entrado só para provocar. Quem faz uma lei dessas não é conservador. É politicamente correto.

Folha - Como o senhor interpreta a versão petista de que é vítima de uma conspiração da direita?

Carvalho - O surgimento de um pensamento de direita, qualquer simulzinho, já deixa esse pessoal aterrorizado; eles já se vêem todos

na cadeia. Fica um negócio paranoico. Mas a verdade é que o pensamento conservador no Brasil ainda é uma raridade. Existiu em Joaquim Nabuco, em João Camilo de Oliveira Torres, em Mílias Gerais, em Gilberto Freyre, em Pernambuco. Mas é pouca coisa.

Folha - Do jeito que o senhor está falando, parece que o Brasil é um paraíso da esquerda...

Carvalho - É até engraçado, porque o pessoal de esquerda vive dizendo que a burguesia cria seu aparato cultural e ideológico. Só que a esquerda convenceu a burguesia a financiar o aparato ideológico esquerdistas. Durante a ditadura já era assim. As universi-

dades eram todas de esquerda, as instituições culturais idem.

Folha - Será que a fraqueza do pensamento conservador não reflete a dificuldade de convencer alguém de que é bom conservar as coisas do jeito que são no Brasil?

Carvalho - O resultado do referendo sobre as armas, o apoio de parcela expressiva da população à pena de morte e outras indicações mostram que o povo brasileiro é maciçamente de direita no que se refere a cultura, moral, costumes.

Mas, como só existem partidos de esquerda, acaba-se votando na esquerda. É hora de criar uma opção partidária de direita. Um verdadeiro partido conservador não tem de defender apenas o livre mercado, mas tem de defender um estilo de vida.

Folha - Qual seria o programa de um verdadeiro partido de direita

no Brasil?

Carvalho - 1. Anticomunis. Não queremos comunismo América Latina. Tchau, tchabéngão. Adeus, Fidel. Cas adeus. Hugo Chávez, não quis mos nada disso; 2. Livre emp e respeito à propriedade; 3. Mi judaico-cristã; 4. Educação clá. As pessoas têm de ter os v

res fundamentais da civilização. A verdadeira liberdade de discão, 50% a 50%. Equilíbrio ei as correntes.

Folha - Como é repudiar o comunismo, Chávez e Fidel, e ser fav vel a um equilíbrio entre as correntes de direita e esquerda?

Carvalho - Uma coisa é ser de esquerda, e outra coisa, bem drente, é essa tradição marxista, marxista. Isso tem de acabar. I que se trata de ideologia genocriminosa.

Jefferson Bernardes/Preview



Right face!

by Marcos Augusto Gonçalves

Marcos Augusto Gonçalvez writes a critical review on Olavo de Carvalho and other Brazilian conservative columnists.

Folha de São Paulo (S. Paulo), February 15, 2006

Direita, volver!

Vista como "raivosa" por representantes da esquerda, a nova direita cresce com a crise do PT e age como se chegasse a sua vez

MARCOS AUGUSTO GONÇALVES
EDITOR DA ILUSTRADA
RAFAEL CARIOLLO
DA REPORTAGEM

De repente passou a ser barata o sujeito, numa festa, ou numa mesa de bar, rodopiar a taça de vinho e dizer frases do tipo "essa caninha bolchevique do PT não sabe nem falar português", seguidas de elogios à ação de George W. Bush no Iraque ou de incógnitas "teóricas", das quais a principal ligão a ser retratada é que só é polêmica quem quer.

Cada vez mais o vontade no país que segue à estabilização monetária e, principalmente, ao tombo ético da administração petista, uma nova direita estabelece-se no Brasil de Lula. Início Lula da Silva.

Põe-se o tempo em que a direita parecia se concentrar sobre tudo na economia — cujo "bunker" é a PUC do Rio, hegemonia na área desde o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Com rosto mais "cultural", na imprensa, articulistas como Diogo Mainardi, da revista "Veja", Reinaldo Azevedo, da revista-site "Primeria Leitura", e Nelson Astuber, desta Folha, encaram a renovação da tendência. São as versões atualizadas de intelectuais como o "decano" Olavo de Carvalho [ela entrevista na página seguinte] ou de pensadores como José Guilherme Merquior (1941-1991) e Paulo França (1940-1997).

Antes "ótima" pra hegemonia cultural da esquerda — vigente no país desde pelo menos a década de 60 —, a nova direita foi crescendo em desenho e afetado à medida que a esquerda, golpeada por crises, enfatiza o risco entre as pernas e se via representada por figurações ridículas, como o PT, amonsticado, como Fidel Castro, os patetas, creio o presidente da Venezuela, Hugo Chávez. (é preciso reconhecer que o material é estimulante).

Pela o pesquisador do Cesarp (Centro Brasileiro de Análise e Pesquisa), Marcus Nobre, identificado com a esquerda, a defensiva "esta apesar começando". Ele acrescenta que os novos arautos da direita se unem numa atitude "raivosa" e também num discurso sedutor. Mas é nas suas linhas mais sofisticadas, diz ele, representadas por nomes como o do economista Eduardo Giannetti, que mora o "perigo" maior.

Ja para Reinaldo Azevedo, o perigo são os esquerdistas, que se mostram dispostos a sacrificar a legalidade, mesmo a democrática, em nome de um entendimento peculiar do que seja justiça social. "Enfim como a legalidade. Nesses termos, eu seria da direita democrática". Ele acrescenta, provocando: "Se quiserem, no entanto, que eu defendia juros reais de 13% ao ano, podiam tirar o círculo da chave. Essa direita é o Lula".

O poeta e tradutor Nelson Astuber, colunista da Folha, diz repetir rotulas ideológicas, mas considera que não é um equívoco ser chamado de "direita", se forem seguidas "as regras que aquelas que se denominam de esquerda

DIREITA x ESQUERDA

■ A origem do termo direita para designar partidários de posições conservadoras data da Revolução Francesa. No entanto, as correntes conservadoras francesas (Estados-Gerais), as correntes conservadoras se sentavam à direita do ro

■ Ao longo do tempo, direita e esquerda foram ganhando novos significados. Os socialistas e partidários da revolução marxista passaram a ser identificados como esquerda, enquanto liberais, conservadores, o fascismo e as correntes anti-marxistas, ganharam o selo de direita

■ O embate entre os termos de uso de micos como "centrodireita", "esquerda democrática" ou "extrema-esquerda" tornou-se frequente. Com o fim do socialismo, o confuso aumentou

■ De uma maneira geral, porém, ainda aceita-se o termo direita para conservadores que defendem conceitos monárquicos, conservadores, o

■ Anteriormente, a ligaçao da esquerda com ideias progressistas, socialistas que defendiam projetos igualitários e a ação do Estado para corrigir as desigualdades sociais-econômicas

um intelectual engajado", portanto, na posição "correta", diz.

Mas ele vê problemas com os argumentos dos novos direitistas. "Há o que vemos predominar: são comentários raivosos e ressentidos, como se os casos de corrupção do PT legitimavam a plurielismo do Estado brasileiro realizado por décadas pelos partidos políticos conservadores. É o nível intelectual? Não. Há nenhuma comparação possível com o alto nível de [Mário Henrique] Senna, Roberto Campos e [José Guilherme] Merquior."

Lulu Felipe de Alencastro, professor de história da Brasil da Universidade de Paris-Sorbonne, também de esquerda, concorda com Castro Rocha e Nobre ao considerar que o governo Lula foi responsável pelo fortalecimento desse discurso.

"Razões para criticar não faltam", diz Nobre. "A situação raivosa veio de antes. Mas no governo Lula só sopra no mel. Mistura tudo, sófice, conciliação de classe."

Castro Rocha é mais duro com os petistas. "Em medida maior do que talvez desejássemos, a força do discurso da direita é uma consequência direta da crise política, que é especialmente uma crise simbólica. Ora, se um partido como o PT pôde fazer o que fez, então como é possível uma história sólida a viver aqui histórica na direita brasileira?"

E Giannetti, o "perigo"? De cara, o economista, professor do Ibmec São Paulo, rejeita cada classificação desse tipo. "Isso é uma categoria intelectual brasileira — adiar que vai desqualificar o pensador atribuindo a ele um rótulo. Afinal, desqualificar e discutir problemas é sólido. Não adia que só pode resultar a compreensão de um pensador reduzindo tudo em rótulo."

Ele, no entanto, critica a esquerda. "No Brasil, todas as pessoas que eu conheço se imaginavam de esquerda revolucionária, ultraprogressistas, e no entanto a realidade é essa que está ali. Achou que essa história de as pessoas se imaginavam de esquerda no Brasil é que é um tremendo auto-engano. E muito posterior ficar pensando de esquerda e achando que está com as ideias mais avançadas da sua época. Muitos intelectuais brasileiros nutriram durante muito tempo essa fantasia."

"A esquerda no Brasil se crenceu fundiu muito com o populismo. Com a ideia de que existe um statu quo inferior para o crescimento econômico."

A discussão de um novo discurso contrário à esquerda só produzirá mudanças no meio cultural? Ruialdo Azevedo gosta, mas acredita que não. "Diretores de teatro e de cinema continuaram a pregar a revolução com o patrocínio da Petrobras, que nos arranca o couro com o seu monopólio, mas patrocina protestismo intelectual para as classes médias mais ou menos intelectualizadas. No passo em que se tem uma esquerda dessa, quem tem um olho logo é direita".

“São Paulo University is the temple of swindle”

During an interview to the newspaper *Folha de São Paulo*, Olavo de Carvalho criticizes the Brazilian academic establishment.

Folha de São Paulo (S. Paulo), September 23, 2006

LIVROS

'USP é templo da vigarice', diz Olavo

Polemista relança 'O Imbecil Coletivo', ataca intelectuais paulistas e culpa EUA pela 'proliferação de tipinhos como Lula'

Para autor, quem ainda tem fibra para ser conservador está fora da política, seja por falta de vocação, seja por uma questão de higiene

MARCOS AUGUSTO GONÇALVES
ESTADÃO RUSTICO

A Reunião de textos do jornalista, filósofo e polemista Olavo de Carvalho, intitulada 'O imbecil coletivo', está sendo relançado. E o primeiro de um conjunto de três volumes que o autor prega desde editar. O livro, que combina crônicas, artigos e pensamento de esquerda que o tornou legендário no meio cultural do país e sem torneio sustentando argumentos conservadores da cultura, foi publicado em 2003. O marca nos EUA, em Richmond, perto de Washington.

Nesta entrevista, feita por enquanto no Rio, o autor, que é professor da USP, considera que os gaúchos são responsáveis pela sensação de que o país é um imbecil coletivo

O que... Como o social e o deserto de alguns intelectuais históricos? PT, como a filósofa Marlene cui, que procura relativizar a ética ética na política? O mesmo. A certa forma, havia sido gente muito bacana José Goulart, mas não é mais

O que... Quando o espírito das páginas uspianas começou a mudar com os muitos títulos da época para encorajar a montagem da malote maia de corrupção de todos os tipos?

I Tucanos estão hoje com

idera, mas eles são ascendente culpados pela ascen-

to, pelo tempo de

o qual foram

desenvolvidos os direitos

calcados para a opinião

política todas as demas-

tes e dividir o belo entre

os partidos nascidos

do que o PT, o PPS, o PV,

o PRB, o PSC, o PPSB, o

PPS, o PPSB, o PPSB, o

</

The art of philosophizing

In this interview, Olavo de Carvalho talks about Brazilian intellectual culture and his permanent Philosophy Seminar.

Revista da Folha (S. Paulo), September 1-14, 2000

Autor do polêmico livro "O Imbecil Coletivo", que questiona a cultura dos intelectuais brasileiros, o filósofo Olavo de Carvalho, fala sobre o aprendizado da filosofia e o seminário que ministra com o mesmo tema na Vila Mariana.

A arte de filosofar

por Fabrício Góis

Imagine uma pessoa que se importe com os problemas sociais, políticos e culturais e ainda por cima não tenha o menor medo de falar sobre eles. Bom, esse é apenas o começo da personalidade de Olavo de Carvalho que, além de crítico, acaba suas funções como professor, filósofo, jornalista e escritor. Sua maior paixão mesmo é interpuir nos problemas filosóficos e esquecer tudo o que encontra pela frente. Adivinha quanto a qualidade dos centros educacionais fez com que ele se tornasse um intelectual, mas sem a menor vergonha de pedir ajuda a intelectuais do mundo todo para achar suas questões.

Há, com mais de dez livros editados e artigos mensalmente publicados em jornais e revistas consagrados do país, como *Globo*, *Espora*, *Braço*, *Jornal da Tarde* e *Zero Hora*, Olavo se dedica a ensinar filosofia aos que, como ele, querem conhecer o mundo. O Seminário de Filosofia é ministrado pelo escritor acontece na Faculdade de Crônicas, em Rio de Janeiro, e aqui na Vila Mariana, em São Paulo, duas vezes por mês. Segundo

Olavo, o verdadeiro estudo da filosofia pode mudar a vida de uma pessoa. "Quando o aluno chega à sua solução pessoal válida para um problema filosófico, ele sente um repúdio na consciência, um apelo a se tornar melhor para ser digno daquilo que sabe", afirma.

Na entrevista dada ao Jornal *Vanguarda*, o filósofo garantiu que em breve deve lançar novas obras, entre elas, a coleção de ensaios "Física e Filosofia" e uma reedição de "O Jardim das Aflições", o seu primeiro livro. "Terão também dois livros escritos pela metade: 'O Olho do Sol', sobre teoria do conhecimento, e 'Ser e Poder', filosofia política. Espero terminá-los logo", promete.

Em primeiro lugar, você poderia definir a filosofia?

É um coacete universal dizer que a filosofia não se define mas estou persuadido de ter encontrado uma boa definição, de qual nemhuma das filosofias existentes escape e que não se aplica a nenhuma outra atividade cognitiva. Filosofia é a busca da unidade do conhecimento, da unidade da consciência e vice-versa. Esta definição aplica-se

inclusive às filosofias que negam o conhecimento ou que negam a unidade da consciência.

No Seminário de Filosofia, você ensina a prática da filosofia. O que é praticar filosofia?

No meu curso, filosofar é parte de um problema colocado pela vida real e, mediante sucessivos exames, tentar elevá-la a um ponto de vista universalmente válido a respeito dele. Em seguida, descer novamente para examinar nossas atitudes práticas, morais, diante dele. Nossas crenças e decisões, o auto-exame se torna tão importante quanto o estudo objetivo do problema e é inseparável dele.

Qual é sua dica para quem deseja começar a estudar filosofia?

Decidir, em primeiro lugar, se você quer a filosofia como simples profissão acadêmica, como autêntica disciplina intelectual, como galimento integral da alma ou tudo isso junta. A profissão acadêmica é hoje o sumário da filosofia e, reconheça-a, a quem tem a vocação de coveiro. Se quer uma disciplina intelectual, certifique-se primeiro de que tem já uma boa cultura científica e humanística (sobretudo literária e histórica) e um amplo domínio do idioma. Em seguida, amore as perplexidades e os problemas que essa educação adquiriu e saibam em você e vasculhar os clássicos da filosofia para saber o que disseram a respeito. Busque formular suas próprias

teses, conseguida fazer isso com um único problema filosófico, por modesto que seja, você já será um autêntico estudante de filosofia.

Como foi a sua formação? Quando despertou esse interesse pela cultura?

Meu interesse em saber nasceu na adolescência, diretamente suscitado por uma angustiante sensação de não estar entendendo nada nenhuma da minha vida, nem da convivência das pessoas em torno, nem do que me ensinavam na escola. Minha formação começou no autodidata, por absoluta impossibilidade de encontrar, na época, um professor a altura do que eu necessitava. Mais tarde, quando joguei torcida ao limite do que podia aprender sozinho, comecei a escrever para estudos consagrados, pedindo ajuda e orientação em questões específicas.

Decidi, em primeiro lugar, se você quer a filosofia como simples profissão acadêmica, como autêntica disciplina intelectual, como galimento integral da alma ou tudo isso junta. A profissão acadêmica é hoje o sumário da filosofia e, reconheça-a, a quem tem a vocação de coveiro. Se quer uma disciplina intelectual, certifique-se primeiro de que tem já uma boa cultura científica e humanística (sobretudo literária e histórica) e um amplo domínio do idioma. Em seguida, amore as perplexidades e os problemas que essa educação adquiriu e saibam em você e vasculhar os clássicos da filosofia para saber o que disseram a respeito. Busque formular suas próprias

ENTREVISTADO

* Olavo de Carvalho



* Autor de mais de 10 livros, como "O Imbecil Coletivo"

* Filósofo autodidata

* Ministro seminário de Filosofia no Rio e em São Paulo

* Assina artigos sobre política, cultura e outros em jornais e revistas, como *O Globo*, *Jornal da Tarde*, *Epoca*, *Braço*, *Zero Hora*

de Shakespeare) e das ciências humanas (os escritos de Max Weber, de Lévi-Strauss, de Victor Frankl, por exemplo). Eu ficava muito impressionado com a solice cada vez maior dos nossos intelectuais, sobre tudo no que eles escreviam em revistas e jornais de cultura. Pegava o Jornal de Toda Semana, no começo da noite, a título de recreio mental coletivo, comentar essas coisas para a classe. Ao voltar para casa, escrevia o que tinha dito e na semana seguinte distribuía o escrito para os alunos. Assim fui crescendo, sem nenhuma intenção de fazer os cígnulos que vieram a compor "O Imbecil Coletivo".

Quais os filósofos da atualidade que você admira?

Depois de Viegelin e Zubiri não aparece mais nada de interessante na filosofia propriamente dita. Mas, nas ciências humanas, há esse espírito René Girard.

E qual o maior da história?

Aristóteles. Quanto mais tempo passa, maior ele fica. Hoje, na filosofia das ciências, Aristóteles é a grande novidade; depois que os biólogos o descobriram,

É verdade que você já recebeu ameaças de morte?

Ameças, não. O que recebi foi informação de um "insider" arrependido, que me disse que um grupo a que pertencia já tinha planejado muitos ataques e homicídios, já fazia ponto na esquerda do meu gabinete. Aí, fui ao meu sócio próprio de armas, uma tragédia. Comecei a correr e, um amigo e ele me sugeriu que fosse um aviso na minha homenagem, para que o grupo soubesse que o plano tinha vazado. Um outro amigo, o ex-ministro da Cultura, Fernando Moscariello, embajador do Brasil na Romênia, fez a correr e me ofereceu um trabalho temporário em Bucareste. Fiquei lá uns meses até o voto intervir e

"A profissão acadêmica é hoje o tumulto da filosofia e recomendá-la quem tenha vocação de coveiro"

Durante mais de 10 anos, em meias páginas, publiquei meus livros, em tiragens pequenas, para um círculo de alunos e amigos. Em 1995, por insistência do Bruno Tolentino, lancei "O Jardim das Aflições" numa tiragem maior, por uma editora profissional.

O Imbecil Coletivo: Atualidades Inculturas Brasileiras foi a sua obra mais polêmica e mais vendida. Qual a causa do "Imbecil"

Philosophers

by Paulo Francis

The most important Brazilian cultural critic, Paulo Francis, praises Olavo de Carvalho's diagnoses of the academic intellectual culture.

O Globo (Rio de Janeiro), September 19, 1996

19 de setembro de 1996

O GLOBO

Diário da Corte

PAULO FRANCIS

FILÓSOFOS

Platão foi filósofo, Descartes, Hegel, Bertrand Russell *et al.*, mas o Brasil nunca deu alguém que criasse um sistema de pensamento, uma visão de vida, idealista, materialista, matemática etc.. Não há sequer gente como Jacques Maritain, que procurou adaptar o tomismo de Santo Tomás de Aquino à modernidade. Russell, na sua "História da filosofia", nega o *status* de filósofo a Nietzsche porque sua obra carece de proposições. Mas o pensamento de Nietzsche é tão radical e profundo que a forma pela qual se expressa (aforismos) passa a segundo plano. "Não há fatos, só interpretações", escreveu. Q.E.D.

Alguma frase dos Ph.Ds. desses brasileiros ficou na memória? Quase todos se assinam em jornais filósofos, em artigos que percebemos penosamente escritos, por gente que não é do ofício. Me pergunto se até seus jovens alunos caem, acreditam, na sapientia desses tipos.

Olavo de Carvalho, no livro "O imbecil coletivo", chama a atenção para um grupo de cavalheiros que se intitulam filósofos e coisas semelhantes. Todos vendem o mesmo peixe, um refogado de marxismo via o velho Partido Comunista, cuja ideologia era ser cegamente a favor de tudo que a URSS representava e contra tudo o que os EUA são.

Os nossos "philosophes" têm em comum que são todos funcionários públicos, ambição modesta do brasileiro sem talento ou oportunidade... Há manuela de um jovem interessado em filosofia estudá-la em faculdades, digamos, de Platão, Aristóteles, a Wittgenstein e Heidegger? Duvido dê-dê-dô. Olavo de Carvalho fez bem em chamar atenção sobre esse esquerdismo, doença infantil do comunismo, que domina nossa mídia e universidades. "Filósofo no Brasil é como jogador de bilhar no Canal da Mancha", comenta um amigo.

Carvalho vs. Moderno

by Paulo Francis

Paulo Francis writes about the polemic between Olavo de Carvalho and João Ricardo Moderno, the president of Brazilian Philosophy Academy.

O Globo (Rio de Janeiro), December 1, 1996

Domingo, 1º de dezembro de 1996

O GLOBO

Diário da Corte

PAULO FRANCIS

CARVALHO x MODERNO

Olavo de Carvalho começou a criticar os escritórios de OP-ED dos jornais brasileiros, rapazinhos já de meia-idade, rareando o cabelo e despontando a barriga, que falam de "repensar Marx". Nunca repensam. Nunca pensam. Meramente transcrevem à cabocla Lukács, Gramsci, Benjamin, ou quem seja o redentor putativo do fenomenal desastre do comunismo leninista-stalinista no nosso século. Olavo pegou-os pela perna, apesar de não pertencer a patota alguma, de não ter *status* na imprensa, ou de não ser "Maria Candelária letra O" da academia.

Os bugres do conformismo reagiram à altura, à baixezza. Emitiram palavras irresponsáveis e indefinidas como "fascismo" e até insinuações vagas e torpes sobre a vida particular de Olavo. Tudo, menos discutir o que ele discutiu.

Seu livro "O imbecil coletivo" foi publicado pela Faculdade da Cidade e por um troço chamado Academia de Filosofia, que só existe no papel. Gente interessada em filosofia conseguiu organizar diversos colóquios sob o logotipo da academia. Foi a única coisa de útil que a dita-cuja fez desde a fundação. Pois bem: a academia deu assentimento a que o livro de Olavo fosse co-patrocinado por ela. Seu capo, que atende pelo nome de Moderno, ao perceber a indocilidade dos rincôneres conformistas, retirou o benéplácito, reconhecendo-se à sua insignificância anônima.

A must read

by Paulo Francis

Paulo Francis recommends Olavo de Carvalho's book on Aristotle to his readers.

O Globo (Rio de Janeiro), January 5, 1997

Diário da Corte

PAULO FRANCIS

Domingo, 5 de Janeiro de 1997

NOVA YORK POR AÍ

• **A LER TAMBÉM O ENSAIO DE** Olavo de Carvalho sobre Aristóteles. Estranho Intelectual, esse. Já nos deu um estudo sobre Epicuro. Não depende de fichas de Gramsci, Luckás, Walter Benjamin *et al.* Vai aos filósofos que ilheram a tradição ocidental de pensamento, dando ao leitor jovem a oportunidade de atravessar esses clássicos. Conhece profundamente o assunto e é um dildato nato, sem apego a jargão e obscurantismo. *Avis rara*, na nossa academia, em que a maioria é de gente encostada ou de ideólogos esquerdistas tentando passar mensagens de subversão aos jovens na linha caquética do chamado marxismo-leninismo, no Brasil reduzida ao farrapo de Intelligibilidade do petelhismo.

• **'O BEM DO HOMEM DEVE SER** o objetivo da ciência da política", Aristóteles.

Arguments and resentments

by Antonio Fernando Borges

The newspaper *Jornal do Brasil* reviews Olavo de Carvalho's book *The Garden of Afflictions*.

Jornal do Brasil (Rio de Janeiro) January 6, 1996

FILOSOFIA

Argumentos e ressentimentos

Polemista acusa intelectualidade brasileira de colocar paixões ideológicas acima do dever moral

Marcos Viana

O jardim das aflições. De Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o materialismo e a religião civil, de Olavo de Carvalho. Diadorm, 440 páginas, R\$ 25

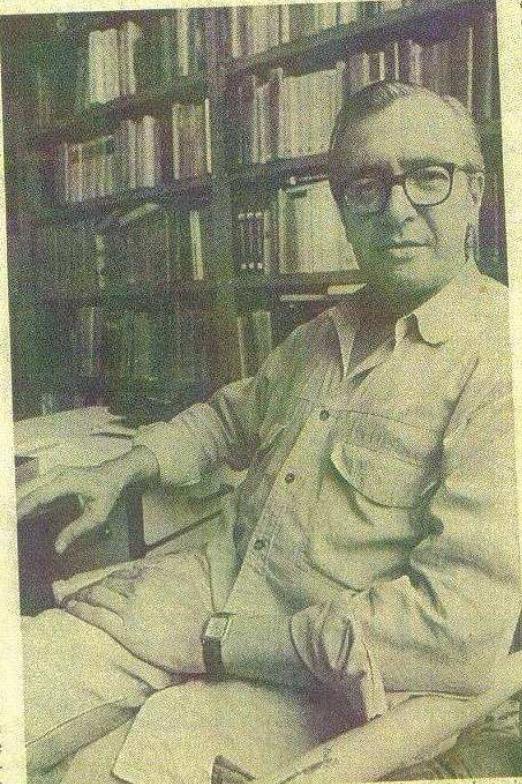
ANTONIO FERNANDO BORGES

Maio de 1990, São Paulo. José Américo Motta Pessanha encantava uma platéia de jovens ao discorrer sobre Epicuro, o filósofo menor, num seminário sobre *Ética*. Outubro de 1992, Brasília: em nome da mesma palavrinha mágica ("ética"), armava-se o espetáculo do impeachment de um presidente trapalhão, enxotado às pressas do poder pelos mesmos que ele havia derrotado nas urnas. Mas que ligação poderia haver entre Epicuro e o circo brasiliense da CPI?

A pergunta, inédita e corajosa, constitui o ponto de partida do novo livro do filósofo e escritor Olavo de Carvalho, *O jardim das aflições*, retrato assustador e imprescindível desses tempos que correm. Para respondê-la, Olavo nos leva a um mergulho longo e profundo por mais de dois mil anos da História das Ideias. Nos extremos do percurso, as figuras referenciais do socialista José Américo Pessanha e de Epicuro, o estranho grego que tinha o hábito de filosofar em seu jardim sobre deuses e átomos, de um modo confuso e preguiçoso que ainda hoje se confunde com sabedoria, simplicidade, hedonismo. Ao equiparar os dois termos da equação (Pessanha = Epicuro), *O jardim das aflições* nos brinda com uma contundente crítica à intelectualidade brasileira, em sua marcha irresponsável para o igualitarismo.

Impossível sintetizar o mar num copo de água salgada, ou resumir a grandeza dos desertos num punhado de areia. Na mesma escala, esta breve resenha pode apenas despertar no caro leitor o desejo de empreender a experiência insubstituível que é saborear *O jardim das aflições*, da primeira à última página. Contento-me, para isso, em apontar algumas das ideias que cintilam e se multiplicam neste livro fértil. Em vez de, por exemplo, ficar desfiando a velha cantilena sobre a Era das Revoluções, os avanços da sociedade moderna ou as conqui-

Antonio Fernando Borges é autor de Que fim levou Brodie?



Em seu livro Olavo de Carvalho investe contra os modismos intelectuais

tas humanísticas do Renascimento, Olavo opta por questionar o surgimento de uma religião civil calcada na divinização das dimensões espaço e tempo (via discurso científico) em detrimento da novidade radical advinda do Cristianismo, a saber, a consciência individual; por criticar a mitificação do histórico e do social como os horizontes preferenciais da aventura humana sobre a Terra; e por denunciar, enfim, o crescimento tentacular do Estado imperial (socialista ou neoliberal), com seu empenho voraz em substituir as antigas relações comunitárias e familiares por um cipóal de leis e princípios coletivistas, mediante a ajuda de técnicas inéditas de manipulação de massas e lavagem cerebral. Neste sentido, fazem parte do processo tanto a Revolu-

ção Francesa quanto a Socialista ou a Americana, a rebelião das massas (Ortega y Gasset) ou a das elites (Christopher Lasch); direita e esquerda, unidas, jamais serão vencidas. Olavo vai ainda mais longe, ao perguntar se haveria de fato progresso na substituição do antigo diálogo com o Universal e a Divindade, típico da cultura cristã, pelo imediatismo de uma vida social e intelectual calcada em reivindicações sem transcendência; mas vantagens trabalhistas, direitos iguais para a mulher, cidadania, e toda uma série de variáveis da moderna ideologia do ressentimento.

Mas, e Epicuro com tudo isso? Olavo de Carvalho não nos deixa sem resposta. Sua inesperada ressurreição pela intelectualidade brasileira teria, por trás, a intenção

espúria de falsificar, desde a velha Grécia, uma longa tradição materialista, transformando a exceção em regra e reduzindo a grande aventura espiritual da filosofia a episódios isolados. Epicuro e Marx — supostos baluartes de um materialismo "dominante" — comparecem assim unidos "pelos santos laços do ódio à inteligência teórica e do primado do interesse prático". Numa palavra, o evasionalismo hedonista (Epicuro) e o utopismo socialista (Pessanha) se complementam, como a mão e a luva, na luta comum contra a busca de Verdade e o conhecimento objetivo. Mudar o mundo, para espíritos mesquinhos, é mais fácil do que se esforçar em entendê-lo.

Se a obra de Olavo de Carvalho se distingue da prosa empolada e vazia dos *philosophes* de plantão, é sobretudo por seu texto vivo e humorado, por sua erudição generosa e pela busca permanente de clareza e honestidade intelectual — qualidades já reveladas em suas obras anteriores, como *A nova era e a revolução cultural* e *Uma filosofia aristotélica da cultura*. Trata-se, acima de tudo, de um bravo sobrevivente dos tempos em que a filosofia ainda não se ocupava de "desconstrucionismos" lingüísticos ou abstrações lógico-matemáticas inacessíveis aos simples mortais. Por isso seus livros podem ser lidos pelo leitor não iniciado nos cacoetes filosóficos-políticos em moda. A esse público (que o autor, otimista, imagina vasto e numeroso) *O jardim das aflições* se dirige: a todos aqueles que se recusam a colocar a paixão ideológica acima de dever moral.

Si monumentum requiris, circumspice. Olavo de Carvalho não poderia ser mais atual e oportuno: dia a dia, personagens da nossa História são questionados; valores tradicionais se "relativizam"; bandidos viram heróis, enquanto policias são punidos; denúncias e acusações são aplaudidas e até estimuladas — sem falar do coro crescente de pobres-diabos que ocupam as ruas e tribunas em defesa do seu "direito sagrado" de serem exatamente o que são: pobres-diabos. Pragmatismo, neopositivismo, Nova Era, Programação Neurolinguística, socialismo, multiculturalismo... O sono da Razão gera monstros. Acorda, Brasil!

The collective imbecility

by José Oswaldo de Meira Penna

J.O. Meira Penna, former Brazilian Ambassador to Israel, writer, and president of the Liberal Institute of Brasília, writes about Olavo de Carvalho's work.

Jornal da Tarde (S. Paulo), October, 1996

A imbecilidade coletiva

J.O. de Meira Penna

ST. 10/96

Admirei Olavo de Carvalho não apenas pelo alto valor de sua obra intelectual — que inclui livros importantes de pensamento sobre a filosofia Aristotélica da Cultura, sobre o relacionamento entre Epicuro e Marx, em *O Jardim das Afligções*, e sobre a "Revolução Cultural" provocada por Gramsci

—, mas pelo vigor polemico com que está enfrentando o que ele mesmo classifica como as "atualidades inculturais brasileiras". Junto com Roberto Campos, creio ser Olavo de Carvalho o único brasileiro a conseguir vencer a cortina de ferro censória que a chamada "esquerda" conseguiu levantar contra todos aqueles que não pensam de acordo com seus padrões ideológicos preconcebidos. Olavo não apenas rompeu a conspiração do silêncio, mas partiu para o contra-ataque. É um bom sinal, talvez, com alguns anos de atraso, virmos finalmente poder libertar a mente filosófica brasileira da imbecilidade coletiva a que está submetida — há uns cem anos e com poucas aberturas excepcionais — pela ação conjunta do ultramontanismo católico, do positivismo comteano e do marxismo. Certo: na França, Jean-François Revel denunciou *"La Nouvelle Censure"*. Nos Estados Unidos, a síndrome do "politicamente correto" contamina os meios universitários. Mas nos países de cultura desenvolvida, fortes correntes liberais ou conservadoras já há muito venceram a quarentena que os escarmutava: foi assim possível preparar o ambiente intelectual para alocar com a nova situação criada pelo des-

moronamento do totalitarismo. No Brasil não. Ainda aqui funcionam duas "igrejas" positivas, uma no Rio, outra em Porto Alegre e acredito que, no final do século 21, ainda haverá um partido comunista com presença no Congresso... O Brasil é um país fundamentalmente conservador.

Nossa cultura patrimonialista de estilo medieval exige o consenso e repudia qualquer avanço aventureiro, na área do pensamento, que procure romper a estrutura mental coletivista, isso tanto do lado da "esquerda" quanto da "direita". Não será um resquício do espírito inquisitorial que perdurou com a *Contra-Refor-*

tus que desejam ser funcionários, ou vice-versa) seja uma das características de nossas formas associativas, eis o que fortemente sustenta o autor do *Imbecil Coletivo*. Ele nos apresenta um quadro verdadeiramente impagável da impostura daqueles que descreve como "intelectuais", "intelectuais mediáticos", analisando como ambos os estamentos gramscianos, o político-burocrático e o intelectual, fortemente receiam personalidades imaginativas, atrevidas, rebeldes, libertárias como a sua. Todos querem obstinadamente permanecer atados às "certezas" filosóficas do passado. São os que

é reservada ao *lumpen* da canção popular insossa (Cacá Veloso e Chico Buarque) — hipócritas que ganham R\$ 100 mil em 15 minutos e fingem de "proletários" e "defensores dos pobres". A verdade é que o Brasil, que nunca teve um santo da Igreja Católica, nem um Prêmio Nobel, precisa criá-los artificialmente. Se somos campeões de futebol, Fórmula 1 ou vôlei de praia, isso evidentemente não basta para gerar uma "cultura". Surgem então pseudofilósofos como o Gianotti, pseudoteólogos como o Bofo, pseudo-heróis da multidão faminta como Beto e Betinho — e acho que Olavo é mesmo demasiadamente generoso em não alinhar no seu *paradón* muitos outros farsantes que monopolizam as páginas dos suplementos culturais dos jornais, as telas de tevê e as entrevistas do Jô Soares. A citação que Olavo de Carvalho faz de Goethe é perfeitamente apropriada: "Certas pessoas não abdicam do erro porque a ele devem sua existência". Ora, acabar com a "hegemonia cultural" dessa gente pretensiosa e atrassada, vivendo à custa dos contribuintes — é o de que precisamos para livrar o País de seu subdesenvolvimento provinciano. O autor presta um inestimável serviço, nesta nossa atualidade incultural, em mostrar aos gritos a falta de compostura daqueles que se pretendem representantes de nossa *intelligentsia*.

J.O. de Meira Penna
é embaixador, escritor e presidente do Instituto Liberal do Brasil

AO TEMPO DA "ABERTURA DOS PORTOS" AINDA ERA A LEITURA DE DESCARTES PROIBIDA EM NOSSA TERRA

ma? Afinal de contas, ao tempo da "Abertura dos Portos", ainda era a leitura de Descartes proibida em nossa terra... O patrimonialismo estrutural vale também na esfera intelectual. "O Brasil é a terra prometida do *intelectual coletivo*" — acentua Olavo de Carvalho. O "liberalismo" e a "globalização" na esfera do pensamento são ainda mais temidos e detestados do que na esfera econômica. A cultura também depende do paternalismo estatal. Que a íntima e rígida associação entre a "nova classe" político-burocrática e o que Gilberto Freyre chamava a "intelectuaría" (a classe de intelec-

chamo de "Glaucostalgicos" ou "Vávulas da Praça Vermelha". A obra de Olavo é uma pedra lançada nesse delicado mecanismo do consenso de "esquerda". O pior é que dá o nome aos bois. Os falsos ídolos são identificados e derrubados. Os "santos" vão para o inferno. Os professores Gianotti e Leandro Konder deixam, como devem, de ser "filósofos", Emir Sader e o Betinho de serem "sociólogos". Como só dizem bobagens e são coletivistas, recaem na imbecilidade (palavra que vem do latim *imbecillus*, designando a deficiência mental do estado de espirito coletivo). A mesma sorte

The Symbolic Dialectics

by Gilberto Tannus

Historian Gilberto Tannus reviews Olavo de Carvalho's *The Symbolic Dialectics*.

Nosso Jornal (Taquaritinga), June, 2007

A Dialética Simbólica

O filósofo Olavo de Carvalho é conhecido – e temido – por suas polêmicas. Ao argumentar, abre mão da sutileza, manda às fivas o subentendido e dispensa as meias palavras. Deve ter suas vítimas encontrando-se professores “doutores”, de formação (ou deformação) marxista, jornalistas de limitados horizontes, capazes de confundirem questões profissionais com picuinhas pessoais, etc. Mediando forças com oponentes desse quântum, sem muito esforço, Olavo faz em pedaços frágeis escudos verbais rígidos – fundidos no metal vagabundo do intelectualismo de fachada. Usando um sem-número de recursos literários, vai com igual desembaraço do trocadilho ferino à frase solidamente estatutada no raciocínio lógico.

Seus adversários podem lhe negar tudo, menos o mérito de escrever bem. Muitíssimo bem, diga-se de passagem. Sendo assim, o que teria Olavo de Carvalho a nos ensinar sobre a

técnica (ou arte, como preferem chamar-lá a maioria dos críticos literários) da escrita? Em *A Dialética Simbólica*, recém-publicado pela É REALIZAÇÕES, nos capítulos “Aprendendo a escrever”, “A arte de escrever” e “Ainda a arte de Escrever”, ele nos transmite alguns princípios básicos, fáceis de serem compreendidos e praticados. Aos que desejam redigir melhor, aperfeiçoar o estilo, anote-se: Primeiro: para se escrever bem é necessário ler. Obvio, dirão os amigos leitores. Ululante, dirá Nelson Rodrigues. Mas, ler o quê? Tudo que nos cai diante dos olhos? Não. “A seleção das leituras deve nortear-se pelo anseio de aprender, na variedade do que se lê, as regras não escritas desse código universal que une Shakespeare a Homero, Dante a Faulkner, Camilo a Sófocles e Eurípedes”, esclarece Olavo. Contado, ler, somente, não é o bastante. Segundo princípio: há que se praticar. Se estivermos lendo Dante,

deveremos traduzir trechos dele, imitá-lo o tom, as alusões simbólicas, a maneira, a visão de mundo. “A imitação é a única forma de assimilar profundamente”, reforça Olavo. Não nos esqueçamos, porém, que tais imitações são apenas exercícios. Terceiro: ao escolhermos escritores para imitar, é fundamental ter empatia por eles. Cada aprendiz, portanto, selecionará seus próprios modelos. (Não vale Jô Soárez, Chico Buarque, etc. Temos de escolher escritores, lembram-se?)

Finalizando. Análise bem-humorada de uma circular da revista “Veja” (1992), que se propunha ditar regras de redação aos jornalistas, “A Arte de Escrever” é uma pequena obra-prima de inteligência e estilo. Só ela justifica a leitura atenta de *A Dialética Simbólica*.

gptannus@judas.com.br

Gilberto Tannus é mestre em História pela Unesp

Olavo de Carvalho

by Gilberto Tannus

Historian Gilberto Tannus writes about Olavo de Carvalho's work and his intellectual importance.

Nosso Jornal (Taquaritinga), July, 2007



EM TEMPO

GILBERTO TANNUS

Olavo de Carvalho

Olavo de Carvalho é um filósofo. No sentido literal do termo. Sem dúvida alguma, o maior deles, em nosso país, atualmente. Uma das principais características do conjunto de sua obra é a originalidade. Para ele o filósofo se confunde com a vida, ou melhor, é a própria vida, porque que, a consciência individual só ganha significado quando em relação com o mundo. Mais: A filosofia "é uma verdade integral da inteligência que se volta sobre todos os campos do saber, em busca de sua unidade, fundamento e significação última para a consciência humana", como evoca em seus seminários. Seu vasto conhecimento pode ser conferido nos volumes e aulas (DVDs) da coleção *História Filosófica da Filosofia*, editada pela É REALIZAÇÕES. Nela, de forma concisa, objetiva e inacreditavelmente amplas, transmite o que há de mais importante nas ideias de Sócrates, Platão, Santo Tomás de Aquino, na Patrística e Escolástica, na Filosofia Cristã e Islâmica, etc.

Ora, se o viver conscientemente é

filosofar, e se a filosofia é a própria vida, é mais do que claro que todo filósofo deve analisar exhaustivamente as múltiplas e complexas faces de sua realidade. Caminhante curioso, atreva-se a os meusos detalhes da multíplice paisagem desortuada aos seus olhos, interpretando previdosamente os festejos presagios inscritos na tela de um céu cinzento e ameaçador, prevendo os possíveis tropeços nas pedras camufladas sob a areia das estradas. Ou seja, Aquilo que pretende compreender o mundo e o sentido de sua própria existência dentro dele, é forçoso dedicar-se ao estudo da economia, política, religião, etc. E é isso que Olavo faz, de maneira brilhante, com inteligência limpa e uma clareza de pensamento marcada pela simplicidade, autenticidade e ausência de qualquer artificialismo.

Escrive, com domínio absoluto, sobre os mais variados temas, dissecando-os com a lâmina de um racionalismo implacável. Prova disso são os dois livros recém-publicados pela É REALIZAÇÕES: *A Diádia Sim-*

Vivere O Fim do Brasil e os Brasileiros. No primeiro, Olavo discorre sobre a arte de escrever, poesia, gêneros literários, filmes, etc. Já em *O Fim do Brasil* traz não só da crise contemporânea de nossa cultura, como também ressalva o valor inestimável das obras de Mário Ferreira dos Santos, Gilberto Freyre, etc. - milagrosas exceções brotadas em um solo assalado pela pobreza e esterilidade intelectual. Em ambas as publicações, deliciamo-nos com o mesmo estilo mordaz e irônico do polêmico autor de *O Início/ Cátaro*, capaz de escandalizar e tirar os leitores de seu marasmo mental, colocando o dedo na ferida da mediocridade imperante no universo cultural brasileiro. Tanto *A Diádia*, quanto *O Fim do Brasil* podem ser adquiridos através do e-mail e@realizações.com.br, ou do site www.realizações.com.br.

gilberto@olavo.com.br
Gilberto Tannus é mestre em História pela Unesp

The Future of Brazilian Thought

by Gilberto Tannus

Historian Gilberto Tannus reviews Olavo de Carvalho's *The Future of Brazilian Thought*.

Nosso Jornal (Taquaritinga), August, 2007



EM TEMPO

GILBERTO TANNUS

O futuro do pensamento brasileiro

Charles-Louis de Secondat, o Barão de Montesquieu, em *O espírito da Lei*, distingue três modalidades de governo: o despotismo, a monarquia e a república. O primeiro estribava no medo à monarquia, na honra; e, finalmente, a república, na virtude. Esta, porém, não deve ser entendida em seu sentido moral, mas sim, político. Refere-se ao respeito às leis e à dedicação do indivíduo à coletividade. É vital à prosperidade das repúblicas que seus cidadãos sejam virtuosos, sintam-se iguais entre si, e o sejam, realmente.

A concordarmos com o filósofo francês, a república brasileira estaria com os dias contados. Afinal, em nosso país – começando pelos homens públicos –, onde a virtude? Ademais, se o fundamento dessa forma de governo é o princípio de igualdade entre todos os membros da coletividade, a falta de punição dos latentes de colarinho branco é, sem dúvida, uma de suas mais pesadas pás de cal. Admitamos. Enquanto a Justiça é excess-

sivamente rígida com os pobres cotados da classe média, é exageradamente branda, ou até inconsistente, para com políticos desonestos, "empresários" envolvidos com desvios de verbas, e demais calhordas, de igual estirpe.

Se assim se apresenta nossa república, o que dizer de nossa cultura? Nessa área o que realizamos de importante até o momento? Quais suas falhas mais graves e como saná-las? Pos bem. O filósofo Olavo de Carvalho, em *O Futuro do Pensamento Brasileiro*, editado pela É REALIZAÇÕES, atende exatamente a esses temas. O conjunto da obra impressiona. Trata-se de estudos críticos relacionados à História das Ideias, indo desde ensaios sobre literatura, filosofia, etc., à análise biográfica e bibliográfica – profunda e inteligente – da produção cultural de intelectuais como Mário Ferreira dos Santos, Otto Maria Carpeaux, Miguel Reale e Gilberto Freyre. "Que futuro tem, ou pode pretender, a inteligência brasileira, o modo brasi-

leiro de pensar e de compreender o mundo?", pergunta Olavo.

Inúmeros estudos, a pretexto de ressaltar a originalidade de nossa cultura, colocaram-na, inadvertidamente, como um bicho do mundo e, pior, desvincularam-na do quadro maior da cultura universal. Olavo não incerte nesse erro. Ao contrário. Quando procura responder se haverá um futuro para o pensamento brasileiro, na verdade, quer saber se seremos capazes de deixar algo de significativo, algo que tenha o sentido "da suprapontualidade e que possa integrar o humanismo autêntico, criando em nós o senso de pertencimento à unidade da espécie humana." Por outro lado, refatamos: um povo que tem como principais características culturais a imprevidência, o egocentrismo, o descaso por intelectuais como Carpeaux, Freyre, etc., merece ter um futuro?

gctan@uol.com.br

Gilberto Tannus é mestre em História pela Unesp

Essays

by Joyce Pascowitch

Joyce Pascowitch reviews Olavo de Carvalho's essay on the movie *The Silence on of the Lambs*, published in his book *The Symbolic Dialectics*.

Joyce Pascowitch (Rio de Janeiro), August, 2007

ATÉ 30 DE SETEMBRO

Mais conhecida por sua vertente literária, **ZÉLIA GATTAI AMADO** também fotografou. Tanto que ganhou até exposição. *Zélia Gattai Amado – um Olhar Imortal* é uma mostra em comemoração à artista de 91 anos, com registros feitos por ela de personagens influentes da história recente do Brasil e do mundo. Estão clicados lá Oscar Niemeyer, Caetano Veloso e Moacyr Scliar ao lado de Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Picasso. A exposição fica aberta até o fim de setembro na Reserva Imbuassai, litoral norte da Bahia.



ATÉ 14 DE OUTUBRO

Para a turma que ainda não encontrou tempo de conhecer as cidades históricas de Minas, uma inspiração: está no CCRB de São Paulo, a exposição **ALEIJADINHO E SEU TEMPO – FÉ, ENGENHARIA E ARTE**. A mostra já percorreu o Brasil e aporta agora na capital paulista, com cerca de 200 obras originais do barroco mineiro.



ENSAIOS

Um dos pensadores mais brilhantes e polêmicos do Brasil, **OLAVO DE CARVALHO** lança em agosto duas coleções de artigos: *O Futuro do Pensamento Brasileiro* e *A Dialética Simbólica*. Apesar do nome hermético, este último trata um dos artigos centrais do pensamento do filósofo brasileiro – e a segunda parte dedicada a ensaios cinematográficos. Além disso, lado do filme *Aurora*, de F. W. Murnau, Olavo mostra seus sofisticados recursos analíticos para ler de maneira incomparável *O Silêncio dos Inocentes* e *O General do Brasil*. O autor se justifica ao dizer que vendeu uma época quando "não era pecado escrever ensaios compostos a respeito de um filme; não era pecado pensar, investigar e aprofundar seu sentido". Com uma escrita deliciosamente acessível, Olavo mostra, por exemplo, que o thriller com Jodie Foster e Anthony Hopkins deve ser lido como uma narrativa iniciática, seguida a tradição da *A Divina Comédia* de Dante, *A Festa Magica moptariana* ou o *Fausto* de Goethe. Enorme prazer para leitura, esses livros oferecem uma aula única de inteligência e sofisticação intelectual.

